



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
Programa de Pós-Graduação em Ciências do  
Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia –  
PPGCASA  
Mestrado Acadêmico



**A IMBRICAÇÃO ENTRE ARTESANATO E AMBIENTE: DA APA MAROAGA À  
AGROUFAM**

Discente: Selma Cavalcante Furtado  
Orientadora: Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe

Manaus - AM  
2017

Selma Cavalcante Furtado

**A IMBRICAÇÃO ENTRE ARTESANATO E AMBIENTE: DA APA MAROAGA À  
AGROUFAM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPG/CASA) da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia.

**BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe**

**Prof. Dr. Carlos Augusto da Silva**

**Profa. Dra. Albejamere Pereira de Castro**

**Profa. Dra. Zeina Rebouças Thomé**

Manaus - AM  
2017

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F992i Furtado, Selma Cavalcante  
A limbricação entre artesanato e amebiente: da APA Maroaga à  
AGROUFAM / Selma Cavalcante Furtado. 2017  
80 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Therezinha de Jesus Pinto Fraxe  
Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e  
Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do  
Amazonas.

1. artesanato. 2. sustentabilidade. 3. desenvolvimento local. 4.  
comunidade. I. Fraxe, Therezinha de Jesus Pinto II. Universidade  
Federal do Amazonas III. Título

Ao meu companheiro de toda a vida,  
Antonio Machado Leitão

Dedico

## **Agradecimentos**

Ao meu companheiro, amigo e esposo Antonio Machado Leitão, foi o primeiro a acreditar que esta idéia poderia concretizar-se, aos meus filhos Marcelo Furtado Machado Leitão e Eduardo Furtado Machado Leitão por suportarem minhas ausências em momentos fundamentais para eles.

A Profª Drª Therezinha de Jesus Pinto Fraxe por ter confiado no meu potencial e por tudo que me ajudou para a concretização desse ideal sustentável, com as convicções e valores sociais que lhes são peculiares e por muitas vezes ter me ajudado a compreender os desafios do mundo moderno frente uma crise ambiental e existencial.

Aos professores do Programa PPGCASA, que com suas experiências nos levam a refletir o papel do pesquisador para a superação das problemáticas socioambientais.

Às mulheres da APA Maroaga artesãs, agricultoras, comerciantes, donas de casa, guerreiras porque não perdem a fé num futuro melhor, tendo a consciência de que a terra lhes proporciona quase tudo que precisam para viver, na pessoa de Maria, Ivanise, Iracema e Assunção.

Aos colegas de mestrado da turma de 2015, na pessoa da amiga Rita de Cássia Vasconcelos Dias Marie que despojaram-se do conhecimento adquirido, compartilhando com todos, para que juntos pudéssemos construir o objetivo de nos tornarmos mestres.

À amiga Marília Gabriela Gondim Rezende que também fez parte importante desse trajeto com sua experiência e sua competência, contribuiu com dicas valiosas.

E por fim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a consecução deste trabalho e que por alguma falha de memória não tenham sido citados.

**“Se não te lembrares mais daqueles que já se foram – dos teus ancestrais que o tempo levou, fica feliz em saber que a sua imagem permanece viva através dos teus trançados nos cestos e balaios. É no artesanato que está escrita a tua marca, e é através dele que te projetas no futuro com identidade própria”.**

**Manolo.**

## RESUMO

O artesanato vem emergindo com cada vez mais veemência na atualidade, e materializa a imbricação entre os aspectos subjetivos e objetivos dos variados grupos sociais. Desta forma, observando a imprescindibilidade do desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao tema, o objetivo desta dissertação foi analisar a formação e o desenvolvimento do artesanato produzido pelas mulheres da APA Maroaga. A escolha da área de estudo partiu de uma demanda social, na qual os sujeitos da pesquisa solicitaram à universidade projetos que visam analisar o processo produtivo do artesanato e seus desdobramentos. Para atingir o objetivo proposto, foram utilizados diversos instrumentos metodológicos, como aplicação de formulários, entrevistas abertas e a Matriz de Benefícios e Entraves. O delineamento do desenho amostral foi de 100% das artesãs da APA Maroaga, que corresponde à um total de 04 mulheres. Os dados foram sistematizados no Programa Excel, que é um software utilizado para a criação de banco de dados e para a geração de gráficos e tabelas. Nesse sentido, as ferramentas metodológicas elencadas subsidiaram o alcance dos objetivos específicos e, conseqüentemente, do objetivo geral da pesquisa. Pode-se inferir, após a análise dos dados, que o artesanato, apesar de não ser a principal fonte de renda, exerce uma importância significativa na reprodução social das famílias artesãs da APA Maroaga. Os benefícios vão desde o incremento na renda mensal até a dimensão da reprodução simbólica da tradição da comunidade. Entraves também foram identificados, como dificuldades com o transporte dos artesanatos e o escasso apoio governamental, entretanto, a história das artesãs da APA Maroaga é uma história de resistência, na qual o sentimento de pertença e os aspectos simbólicos, existentes na confecção dos artesanatos, transpõe as barreiras enfrentadas. Portanto, pode-se afirmar que o artesanato tem sido um importante elemento de perpetuação das tradições, pois, por meio das técnicas utilizadas tem corroborado o etnoconhecimento, construído geracionalmente, e o reproduzido de maneira cíclica e transformadora.

**Palavras-chave:** tradição, subjetividade, simbologia.

## ABSTRACT

Craftsmanship has emerged with increasing vehemence today, and materializes the imbrication between the subjective and objective aspects of the various social groups. Thus, observing the indispensability of the development of research related to the theme, the objective of this dissertation was to analyze the training and the development of the handicrafts produced by the APA Maroaga women. The choice of the study area was based on a social demand, in which the research subjects asked the university for projects that aimed to analyze the productive process of the crafts and their unfolding. To reach the proposed objective, several methodological instruments were used, such as application of forms, open interviews and the Matrix of Benefits and Obstacles. The design of the sample design was 100% of the artisans of APA Maroaga, which corresponds to a total of 04 women. The data were systematized in the Excel Program, which is a software used for the creation of databases and for the generation of graphs and tables. In this sense, the methodological tools listed have subsidized the achievement of the specific objectives and, consequently, of the general objective of the research. It can be inferred, after analyzing the data, that handicrafts, although not the main source of income, play a significant role in the social reproduction of APA Maroaga artisan families. The benefits range from increasing monthly income to the dimension of symbolic reproduction of the community tradition. However, the history of the artisans of the APA Maroaga is a history of resistance, in which the sense of belonging and the symbolic aspects, existing in the making of the handicrafts, have been identified as obstacles to the transportation of handicrafts and the lack of governmental support, Transposes the barriers faced. Therefore, it can be affirmed that handicrafts have been an important element in the perpetuation of traditions, since, through the techniques used, they have corroborated the ethnoconditioning, constructed generationally, and reproduced in a cyclical and transformative way.

**Keywords:** tradition, subjectivity, symbology.

## LISTA DE SIGLAS

Área de Proteção Ambiental (APA)

Conselho Mundial do Artesanato (CMA)

Faculdade de Ciências Agrárias (FCA)

Feira da Produção Familiar (AGROUFAM)

Núcleo de Socioeconomia (NUSEC)

Organização das Nações Unidas (ONU)

Parque Estadual Monte Alegre (PEMA)

Rede de Comercialização Solidária dos Povos e Comunidades Tradicionais e Agricultores Familiares do Estado do Amazonas (Rede Poranga)

Unidade de Conservação (UC)

Unidade Familiar (UF)

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pinturas rupestres encontradas em Lapa da Cerca Grande, MG.....	11
Figura 2: Cerâmica do Período Neolítico.....	12
Figura 3: Arte indígena Linguagem Visual.....	14
Figura 4: Pote com linhas incisadas finas no ombro e apliques zoomorfos .....	16
Figura 5: Mapa da área em estudo.....	30
Figura 6: Caverna da APA Maroaga.....	31
Figura 7: Cipó titica.....	33
Figura 8: Extração do cipó titica .....	35
Figura 9: Produção do artesanato .....	36
Figura 10: Organização da comunidade e especialização do Café-da-Manhã.....	38
Figura 11: Local onde são expostos o artesanato e o café-da-manhã. ....	39
Figura 12: Fluxograma do processo produtivo do artesanato.....	40
Figura 13: Barraca da APA Maroaga na AGROUFAM. ....	54

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Delineamento do desenho amostral .....	p. 06
Quadro 2: Entraves do artesanato para as artesãs da APA Maroaga .....	p. 57
Quadro 3: Benefícios do artesanato para as artesãs da APA Maroaga .....	p. 58

## LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1 – Média do faturamento anual do artesanato na AGROUFAM..... p. 53
- Gráfico 2 - Evolução do faturamento em 2015..... p. 54
- Gráfico 3 - Evolução do faturamento em 2016..... p. 56

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. OBJETIVOS.....	6
Objetivo geral.....	6
Objetivos específicos.....	6
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	6
CAPÍTULO I - A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DO ARTESANATO: DA PRÉ-HISTÓRIA À ATUALIDADE .....	9
<i>O Artesanato na Pré-História</i> .....	9
O Artesanato na Idade Média .....	18
<i>O Artesanato na atualidade</i> .....	22
CAPÍTULO 2 – O PROCESSO PRODUTIVO DO ARTESANATO NA APA MAROAGA: SUSTENTABILIDADE E NUANCES DE UM TRABALHO IMPREGNADO DE SUBJETIVIDADE.....	25
Sociedades tradicionais.....	25
Caracterização da APA Maroaga .....	30
O processo produtivo e a teia do artesanato na APA Maroaga.....	33
CAPÍTULO III – A AGROUFAM COMO ESPAÇO DIALÓGICO E DE COMERCIALIZAÇÃO: ECOLOGIA DE SABERES E REPRODUÇÃO SOCIAL .....	43
Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade Ambiental: preceitos afirmativos da AGROUFAM na APA Maroaga .....	43
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	61
ANEXOS.....	68
Anexo 1 - Roteiro para as entrevistas com as artesãs .....	69
Anexo 2 - Termo de consentimento livre e esclarecido .....	71

## INTRODUÇÃO

A palavra “arte” na antiguidade significava “fazer”, e não “criar”. O “fazer” referia-se aos modos técnicos que as comunidades encontravam para sobreviver. No final da Idade Média, quando alguns artistas passaram a assinar as obras, foram chamados de “artesãos” (PEROTA, 2007). Atualmente, um dos conceitos mais usados de artesanato é o proposto pelo Conselho Mundial de Artesanato que afirma: “Artesanato é toda a atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade” (CONSELHO MUNDIAL DE ARTESANATO, apud SEBRAE/MG, 2014a).

A compreensão dessa definição passa pela necessidade de qualificar os variados universos dos artesãos, sobretudo sua relação com o meio ambiente, a disponibilidade de matéria-prima e os objetivos de sua produção. Assim, é possível compreender os processos culturais de sua elaboração e defini-los como arte popular, artesanato ou trabalho manual, reconhecendo sua autenticidade e sua identidade étnica, local ou regional. Apesar disso, ainda permanece o conceito antropológico do artesanato como objeto único, de representação étnica, e contextualizado historicamente, sobretudo em países em desenvolvimento como o Brasil, onde se constatam numa mesma área geográfica contrastes sociais e tecnológicos significativos. Neste contexto, especialmente nas áreas em que a geração de emprego é menor que a força de trabalho, a produção de artesanato para algumas pessoas ou comunidades passa a ser uma complementação de renda ou um meio de vida (PEROTA, 2007), como o caso em estudo. Dessa forma, o artesanato na APA Maroaga é uma alternativa de complementação da renda encontrada pelos sujeitos da pesquisa.

Nos últimos anos, os governos federal, estadual e municipal incentivam o artesanato como uma oportunidade de trabalho e renda das comunidades e dos artesãos. O Programa do Artesanato Brasileiro, criado no final da década de 1960, desenvolveu ações que visavam à valorização do artesanato e sua realidade cultural e a promoção nacional e internacional do artesanato

brasileiro. Tal Programa deu ensejo à criação do Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato, instituído pelo Decreto nº 80.098, de 8 agosto de 1977 (BRASIL, 1977). A classificação de produtos artesanais e a identificação profissional do artesão foram regulamentadas pelo Decreto nº 83.290, de 13 de março de 1979 (BRASIL, 1979). Desde 1995, o Programa estava veiculado ao então Ministério da Indústria e Comércio e do Turismo, sucedido pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, fato que incrementou a venda de artesanato, principalmente no exterior.

As questões ambientais estão longe de serem compreendidas e de terem um tratamento adequado por parte dos governantes. A sociedade caminha lentamente no sentido de conceber a importância das questões ambientais. Os políticos e administradores são reflexos dessa sociedade e negam ao assunto a devida importância, com exceção de poucos preocupados com a qualidade de vida da população. Isso se deve ao fato das políticas públicas serem ineficientes e a maioria delas não saírem do papel, principalmente as que chocam com o interesse do capital, tornando as questões relacionadas ao meio ambiente ainda mais difíceis de serem superadas (BERNA, 2014).

Nesse sentido, com base no texto acima surge a seguinte indagação: como superar dificuldades tão cruciais para a sobrevivência do planeta? A partir dessa indagação surgiram muitos embates a partir da reunião de Estocolmo (1972) até a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (1992), também conhecida como Eco92, onde surge a noção de sustentabilidade que passa a ser amplamente discutida nos meios científicos, acadêmicos e sociais. A sustentabilidade propõe um modelo de desenvolvimento que permite conservar a natureza atendendo às necessidades das gerações presentes, sem comprometer as possibilidades das futuras gerações gozarem de um meio ambiente equilibrado e, ao mesmo tempo, garantir que todos os homens e mulheres possam usufruir de uma vida digna (NASCIMENTO, 2012).

Torna-se difícil vislumbrar um mundo sustentável com o modelo de economia praticado hoje, mesmo tendo-se um controle do crescimento populacional. No Brasil existem programas como o “desenvolvimento rural

sustentável”, com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável; estabelecer estratégias, diretrizes e responsabilidades; e otimizar o uso dos recursos financeiros e de infraestruturas materiais e, principalmente, pessoais (CUNHA, 2012).

Diante desse quadro, o estado do Amazonas, assim como outros estados brasileiros, vem investindo na atividade do artesanato como forma de melhoria das condições de vida que superem o objetivo estrito de crescimento econômico. Estudar o processo de produção do artesanato comercializado na Feira da Produção Familiar (AGROUFAM) possibilitará vivenciar todas as etapas do processo de produção, a partir de uma governança<sup>1</sup> que busque contribuir para a melhoria da qualidade de vida das comunidades tradicionais, com capacidade de suprir suas necessidades mais imediatas e incrementar o intercâmbio externo por meio de ações comunitárias conjuntas.

Considerando que no Brasil o artesanato é desenvolvido principalmente por núcleos familiares artesanais situados em áreas mais pobres do país, cuja produção artesanal apresenta uma grande variedade de expressões e quantidade de matérias-primas disponíveis, o incentivo às atividades artesanais constitui uma alternativa de impulso à economia de base local, assegura a preservação da cultura e, principalmente, é responsável pela geração de emprego e renda para inúmeras famílias com baixa renda e sem qualificação profissional que encontram no artesanato uma forma de garantir a própria sobrevivência e a manutenção do bem estar de seus familiares, promovendo a inserção de mulheres e adolescentes em atividades produtivas, estimulando a prática do associativismo e fixando o artesão em sua localidade (SEBRAE, 2002).

Esse estudo pretende descrever o processo de produção de artesãos que comercializam seus produtos na Feira do Agricultor Familiar da

---

<sup>1</sup>Segundo Diniz (1995, p. 400), “Governança deixa de ser uma preocupação de um Estado eficiente, deslocando o foco da atenção das implicações estritamente econômicas da ação estatal para uma visão mais abrangente, envolvendo as dimensões sociais e políticas da gestão pública. A capacidade governativa não seria avaliada apenas pelos resultados das políticas governamentais, e sim também pela forma pela qual o governo exerce o seu poder”. Nessa pesquisa, a categoria governança é percebida através da rede institucionalizada entre os grupos de mulheres da APA Maroaga.

Universidade Federal do Amazonas (AGROUFAM) oriunda da Unidade de Conservação (UC) estadual de uso sustentável: a Área de Proteção Ambiental (APA) Caverna do Maroaga, localizada no município de Presidente Figueiredo. A UC é um espaço territorial, incluindo seus recursos ambientais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

Para atingir o objetivo proposto foram utilizados diversos procedimentos metodológicos como entrevistas abertas, aplicação de formulários e a construção da Matriz de Benefícios e Entraves. Os dados foram sistematizados no Programa Excel e deram origem aos gráficos e às tabelas. A Matriz de Benefícios e Entraves foi uma ferramenta metodológica criada buscando indicar os pontos positivos e as principais dificuldades enfrentadas pelas artesãs da área de estudo.

Nesse contexto, espera-se com o estudo conhecer as práticas para obtenção de matéria-prima e confecção dos produtos, identificar se estas práticas contribuem para a divulgação, a preservação da cultura local, a sustentabilidade de muitas famílias artesãs e se são geradoras de benefícios sociais e ambientais, conforme demanda o uso sustentável da UC. Além disso, os resultados do estudo proposto podem servir de subsídios para a formulação de propostas de práticas artesanais sustentáveis na produção e comercialização de artesanatos na região amazônica. Procura-se uma abordagem crítica e propositiva para os conteúdos aqui trabalhados, principalmente a relação criativa e dialógica que a comunidade exerce junto a natureza e seus recursos (ainda) disponíveis. Nesse sentido, há necessidade de compreensão do percurso que se apresenta para os artesãos e artesãs quanto à necessidade de políticas públicas em favor da legitimidade e revitalização desta atividade diferenciada, legalmente, pouco reconhecida.

Desta forma, para evidenciar os objetivos supracitados, esta dissertação foi dividida em três capítulos. O Capítulo 1 apresenta a gênese e o desenvolvimento do artesanato desde a pré-história até a atualidade, mostrando a importância dessa atividade e suas imbricações nas vidas dos artesãos e artesãs. O Capítulo 2 aponta os desdobramentos do processo

produtivo do artesanato na APA Maroaga, além disso, indica expõe os pontos positivos e os entraves enfrentados pelos sujeitos da pesquisa. O Capítulo 3 retrata o processo de comercialização do artesanato na Feira AGROUFAM, e destaca a importância do espaço dialógico e de comercialização da AGROUFAM para as artesãs da APA Maroaga. Portanto, o encadeamento entre os três capítulos revela a espinha dorsal da dissertação, que é a imbricação entre o artesanato e o ambiente.

## **1. OBJETIVOS**

### **1.1. Objetivo geral**

Analisar a formação e o desenvolvimento do artesanato produzido pelas mulheres da APA Maroaga.

### **1.2. Objetivos específicos**

- a) Compreender a gênese e o desenvolvimento do artesanato desde a Pré-história até a atualidade;
- b) Evidenciar o processo produtivo do artesanato na APA Maroaga;
- c) Descrever os benefícios e os entraves enfrentados pelas artesãs na comercialização do artesanato na Feira AGROUFAM.

## **2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para o desenvolvimento dos objetivos desta pesquisa foram utilizados diferentes instrumentos metodológicos, visto a complexidade e a transversalidade do tema. Para compreender a gênese e o desenvolvimento do artesanato desde a Pré-história até a atualidade, primeiro objetivo específico, foram utilizados levantamentos documentais, levantamento de dados secundários, e revisão bibliográfica. Para evidenciar o processo produtivo do artesanato na APA Maroaga, segundo objetivo específico, foram realizadas entrevistas abertas, aplicação de formulários e construção de cartogramas.

O desenho amostral da pesquisa centrou-se em 100% da população amostral, ou seja, os formulários foram aplicados com todas as mulheres artesãs da APA Maroaga (Quadro 1). Os dados foram sistematizados no Programa *Excel*, *software* que tornou possível a representação gráfica das informações coletadas, por meio de tabelas e gráficos representativos do real coletado.

**Quadro 1:** Delineamento do desenho amostral

<b>DESENHO AMOSTRAL – 100%</b>	
TOTAL DE MULHERES ARTESÃS	4
POPULAÇÃO AMOSTRAL	4

Conforme está evidenciado no quadro acima, o total de artesãs entrevistadas será o total da população amostral, ou seja, quatro artesãs. Outro procedimento metodológico utilizado foram os cartogramas, que se diferenciam dos mapas mentais por destacar significativamente os elementos que se pretende espacializar, em detrimento das variáveis escalares priorizadas nos mapas mentais.

Os cartogramas são produtos das oficinas participantes, e sua elaboração seguiu alguns critérios específicos. Primeiramente, foi explicado à comunidade o objetivo do cartograma, em seguida, dividiu-se o total de pessoas da oficina em grupos de 5 pessoas, entre homens, mulheres e idosos. Posteriormente foram distribuídos para cada grupo, folhas de papel 4A0, régua, lápis e lápis de cor. O tempo variou de acordo com os grupos, e não pôde ser previamente estabelecido. Os cartogramas, depois de aprovados pela comunidade, foram sistematizados no Programa QuantunGis e Autocad, softwares utilizados para a correção das possíveis distorções nas imagens.

Para descrever os benefícios e os entraves enfrentados pelas artesãs na comercialização do artesanato na Feira AGROUFAM, terceiro objetivo específico, foram utilizadas entrevistas abertas, aplicação de formulários e a Matriz de Benefícios e Entraves. Essa matriz foi criada objetivando identificar os pontos positivos e as principais dificuldades enfrentadas pelas artesãs da APA Maroaga, e se assemelha à Matriz F.O.F.A., entretanto, é mais específica e destaca elementos pontuais.

A construção da Matriz de Benefícios e Entraves perpassou algumas etapas. A primeira etapa foi a apresentação do projeto para as mulheres

artesãs da APA Maroaga. A segunda etapa referia-se a explicação da metodologia para as artesãs, destacando o que seriam os benefícios e os entraves. A terceira etapa foi a criação e organização da matriz, que contemplou a identificação dos elementos que objetivávamos representar. A última etapa consistiu na discussão dos benefícios e entraves elencados pelos sujeitos da pesquisa. Portanto, todos os procedimentos e ferramentas metodológicas, em engendramento, levaram ao alcance do objetivo geral desta pesquisa.

## **CAPÍTULO I - A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DO ARTESANATO: DA PRÉ-HISTÓRIA À ATUALIDADE**

A importância desse capítulo se dá pela necessidade de conhecer a trajetória do artesanato, através do conhecimento histórico, foi possível analisar a importância dessa manifestação para a vida do homem em convívio com o ambiente. A partir dos debates sobre a sustentabilidade, acompanhar o empoderamento e a sensibilização desse homem para o uso sustentável das matérias primas para a confecção do artesanato. Assim, foram destacados os acontecimentos socioeconômicos que influenciaram no desenvolvimento do artesanato com base na sustentabilidade.

### ***O Artesanato na Pré-História***

O artesanato é definido pelo Conselho Mundial do Artesanato (CMA) como “toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade”. No seu processo produtivo envolve diferentes técnicas de produção artesanal, que varia de acordo com os constructos sociais e culturais de cada sociedade.

Ao contextualizar a história do artesanato sob a ótica da sustentabilidade, faz-se uma viagem pela história da humanidade. A história do artesanato está vinculada à história do homem. O homem relaciona-se em sociedade e com o ambiente em que vive, proporcionando a evolução social e tecnológica. Assim como a sociedade evoluiu, o artesanato também evoluiu ao longo dos tempos, sempre retratando a história de uma sociedade e sua cultura. A cultura de uma sociedade é facilmente identificada através do artesanato, que se manifesta de várias formas: pode ser a tradução de uma antiga sociedade ou de uma sociedade moderna; pode ser erudito, popular e folclórico. Pode-se identificar uma sociedade extrativista por meio dos cestos ou paneiros; uma pescadora, pelas canoas e utensílios de pesca; uma de guerreiros, pelas armas e estruturas de defesa (PAZ, 1994).

O conjunto dos saberes, fazeres, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos que constituem a cultura, se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social (MORIN, 2009). A natureza nos traz calma, paz, tranquilidade e nos inspira a criação. É dessa forma que se estabelece a relação entre o homem e a natureza no processo de criação. Todos nós gostamos de admirar a beleza que há na natureza, e somos gratos aos artistas que a preservaram em suas obras.

Podemos considerar que os utensílios foram os primeiros produtos artesanais criados pelos homens. Mais tarde, dominando materiais como madeira e barro, começam a construir as primeiras habitações. Logo depois, já no Paleolítico Superior, aparecem as primeiras estatuetas de marfim e osso, construídas a partir de um instrumento denominado de machado de mão, sílex, isto é de pedra lascada, além, de fazerem desenhos de baixo relevo em pedras e osso, objetos de adornos pessoal, decoração de armas e utensílios (BATTISTONI, 2012). O artesanato é uma das fontes para decifarmos os mistérios de civilizações que já se extinguíram. Faz parte da natureza humana a aptidão de transformar materiais da natureza em adornos ou objetos utilitários (CARVALHO, 2014).

As alterações climáticas levaram os homens pré-históricos a viverem em cavernas, formando grupos, para se protegerem das baixas temperaturas. Nessa época o homem aprendeu a utilizar os recursos da natureza, para superar as adversidades do ambiente em que vivia. Para isso, esse homem denominado *Homo sapiens*, vivia praticamente da caça e da coleta de frutos da floresta, aprendeu a utilizar pedaços de pedra, madeira e ossos, confeccionando os primeiros instrumentos. Este período, o mais antigo da Pré-História é chamado de Paleolítico, o uso da pedra leva os historiadores a denominar este período de Idade da Pedra Lascada, período em que o homem descobriu o fogo (BASTTISTONI, 2012)

Inicialmente o artesanato tinha uma função de serventia e os produtos eram feitos manualmente, por grupos nômades que usavam peles de animais como vestimenta e viviam em cavernas comunitárias. A dispersão do homem sobre a Terra foi causada, justamente, pelo deslocamento das comunidades

em busca de alimentos. O domínio da natureza e vivência da caça, pesca e coleta de frutas e raízes, eram realizadas a partir da fabricação dos seguintes utensílios: martelos, machados, lâminas cortantes, anzóis, agulhas para costurar, arco e flecha; com pedra, ossos e madeira; com figuras de animais, cenas de caça ou de cadáveres pintados na rocha, iniciaram a arte rupestre. Além dos artefatos, o homem sempre produziu objetos sem utilidade imediata, passamos a questionar por que e para que foram produzidos? (GOMBRICH 2013).



Figura 1: Pinturas rupestres encontradas em Lapa da Cerca Grande, MG. Fonte: PROENÇA, 2014.

A busca por estas respostas nos leva a constatar que a criação não é somente uma necessidade, mas também, a expressão de um sentimento (PROENÇA, 2014). A principal característica dos desenhos do período é o naturalismo. O homem do paleolítico procurava representar nas formas de sua criação, os seres como os via de determinada perspectiva, isto é representava a natureza tal qual sua visão captava.

A arte praticada no período paleolítico, segundo alguns historiadores e arqueólogos, era baseada em princípios unicamente formais; outros, que a preservação da existência natural e a reprodução são as primeiras formas de manifestações artísticas. O que seria a única forma de subjugar e dominar a realidade. Nesse caso a arte não seria afastada da vida e da natureza, não

sendo apenas uma coisa estática, sem participação na história, mas uma técnica ágil, por vezes sugestiva, quase impressionista (BATTISTONI 2012).

Na era paleolítica, o homem acreditava no aprisionamento do objeto, a partir da reprodução de uma imagem. Dessa forma, pintar nas paredes das cavernas a figura de um animal fazia parte de sua crença que este animal seria dele no momento em que fosse cassar. Para eles a pintura não se separava da realidade, uma era complemento da outra, não havia diferença. Chegamos à conclusão de que na idade da pedra lascada, a arte estava serviço da vida. Não se sustenta a tese das pinturas serem apenas decorativa ou expressiva, inclusive por muitas dessas pinturas, encontrarem-se em locais muito escuros e de difícil acesso. Era preciso colocá-las em locais estratégicos, onde eram feitos rituais mágicos (PROENÇA, 2014).

Os primeiros artesãos surgiram no Período Neolítico (6000 a.C.), transformando argila, pedra e madeira em utensílios usados na caça, na coleta e no uso pessoal. Isso os levou ao caminho da humanização, que é a necessidade nata que dos seres humanos de dar sentido às coisas (OSTROWER, 1977). Essas criações demonstram, não só, uma preocupação humana a busca por superação, mas também para expressar a beleza. Essa busca encontra-se em todas as culturas, até mesmo os objetos utilitários são concebidos de forma harmoniosa.



Figura 2: Cerâmica do Período Neolítico. Fonte: PROENÇA, 2014.

O período Neolítico foi também chamado “Idade da Pedra Polida” garantida pelo cultivo da terra e manutenção de manadas, porque nele se desenvolveu a técnica de produzir armas e instrumentos com pedras polidas por atrito que as tornava mais afiadas. Assim, o homem do Neolítico desenvolveu a técnica de tecer panos, de produzir a cerâmica e construiu as primeiras moradias. Constituindo-se no primeiro arquiteto. Conseguiu ainda produzir o fogo através do atrito e deu início ao trabalho com metais pesados. (PROENÇA, 2014).

Todas essas conquistas contribuem para um homem mais racional, não precisava mais dos sentidos mais apurados do caçador do Paleolítico, pois se tornara um camponês, com poder de observação, contemplação da natureza, com objetivo de compreendê-la, com capacidade de abstração e racionalização. Nesse período o homem produz uma cerâmica que revela sua preocupação com o belo e não somente com o utilitário. A substituição da vida nômade, errante, por uma vida mais estável, transforma profundamente a história humana, pois, com a fixação dos grupos humanos, houve um rápido aumento populacional e o desenvolvimento dos primeiros núcleos familiares, além da divisão do trabalho (PROENÇA, 2014).

No Brasil, a comunidade indígena é considerada o primeiro grupo de artesãos, com a utilização de pigmentos naturais para tingir seus trabalhos de tecelagem e cerâmica, bem como instrumentos musicais e para uso doméstico e na caça. A importância do artesanato no Brasil não é somente histórica, mas também social, pois, gera renda e promove a sustentabilidade, com diversas técnicas de aproveitamento de materiais. O Brasil possui uma vasta cultura e uma rica influência artística folclórica, um dos motivos é a grande variedade de materiais disponíveis naturalmente no país, sendo um dos povos que mais explora a arte criativa no mundo, principalmente no campo turístico. Hoje, o artesanato é valorizado como sendo um produto exclusivo com uma mão de obra única. Uma arte original e de alto valor cultural (RIBEIRO, 1989).

O artesanato brasileiro surge com os indígenas que produziam suas vestes, seus adornos, suas armas, seus utensílios. Pode-se ver o artesanato nos cocares feitos das plumagens dos pássaros, nas tangas feitas de casca de árvores ou de fibras, nas pinturas de pigmentos naturais, nas armas e

cestarias. O artesanato brasileiro também traduz a forma como a sociedade se organiza, revelando seus costumes, seu folclore e dá uma mostra das características da região (RIBEIRO, 1989).



Figura 3: Arte indígena Linguagem Visual. Fonte: RIBEIRO, 1898.

O artesanato indígena é parte integrante de sua cultura, é a forma de expressar sua visão de mundo e de se relacionar com o ambiente. A tecnologia utilizada na confecção do produto é cunho familiar, passada de geração para geração. Desde a escolha da matéria prima até a sua finalização, onde destacamos a habilidade manual, todas as etapas de produção são realizadas de acordo com as necessidades cotidianas e domésticas no transporte e armazenagem de alimentos, artefatos de caça, etc.; como também para o uso de adornos e enfeites, como uma expressão artística e recreativa de cada família. O artesanato é como uma marca que vai caracterizar cada grupo, diferenciando-os culturalmente. O artesanato passou a ter uma maior relevância para muitas famílias kaingang e guarani uma vez que é considerada uma das principais atividades geradoras de renda na região Sul do Brasil.

O Brasil possui um valioso patrimônio arqueológico, mas nem sempre conservados. Na região de Minas Gerais, existe o sítio arqueológico de Lapa da Cerca Grande, localizado no município de Matosinho, onde se encontra vestígios de ocupação humana de nossos ancestrais pré-históricos. Este sítio foi tombado pelo instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN

(PROENÇA, 2014). O Parque Nacional da Serra da Capivara, no município de São Raimundo Nonato, Piauí, também tombado pelo IPHAN, possibilita a pesquisa de diversos cientistas, desde 1970, onde já foi possibilitada a coleta de uma grande quantidade de vestígios arqueológicos. De acordo com as descobertas no local os habitantes datam de 6000 a.C., ou em épocas ainda mais remota. Segundo Ribeiro (1989):

A arte impregna todas as esferas da vida do indígena brasileiro. A casa, a disposição espacial da aldeia, os utensílios de provimento da subsistência, os meios de transporte, os objetos de uso cotidiano e, principalmente, os de cunho ritual estão embebidos de uma vontade de beleza e expressão simbólica (RIBEIRO, 1989).

Por meio da citação de Ribeiro (1989), podemos perceber esse movimento, quando detectamos a quantidade de tempo que o indígena leva para produzir artefatos de utilidades e ornamentando e simbolizando seu corpo. Assim, a arte indígena representa a capacidade desfrutar da estética e da comunicação de uma linguagem visual.

Existe uma problemática que muito preocupa os pesquisadores brasileiros de sítios arqueológicos pré-históricos e históricos, e sítios paleontológicos estão proporcionando a empresas relacionadas ao turismo a exploração desses locais sem os cuidados que eles necessitam, são vistos como espaço com possibilidade de receber visitação e como elementos de redes e cadeia produtivas, que envolvem hotéis, agentes de viagens, operadores e companhias aéreas. Como muitos desses sítios foram recém descobertos, muitas vezes são associados à ideia de patrimônio cultural, dentro da perspectiva de serem testemunhos de nossa vida passada.

Para pensarmos na preservação desses sítios históricos há necessidade de patrimonização, uma das principais ações de sua possível preservação, e muitos são os esforços para que essa conservação se efetive, frente à expansão do capital sob diversas formas e atividades produtivas, no caso do Brasil, grandes empresas agropecuárias, de mineração, especulação imobiliária e a construção de hidrelétricas. Sendo esses sítios, espaços com dupla características, onde encontramos a memória recuperada, com vários objetos, e construções, resultando numa problemática para sua preservação, e

ao mesmo tempo ganham o status de patrimônio, como um bem relacionado à comunidade na qual está inserido e quiçá a toda humanidade (FIGUEIREDO, 2009).

O patrimônio arqueológico brasileiro é protegido por leis federais, estaduais e municipais. No entanto, o gerenciamento desse patrimônio é ineficaz, proporcionando o hábito da formação de coleções arqueológicas por leigos que, por sua vez, incrementa o mercado ilícito de compra e venda de peças arqueológicas é um exemplo do não cumprimento da legislação. A divulgação prematura de sítios sem que tenham sido feitos os estudos necessários ou onde não se tenha incrementado uma infraestrutura que permita sua visitação pública sem riscos ao sítio e ao próprio visitante.

Fica então evidente a relação do turismo e da arqueologia que, no conceito produzido por Funari (2003) “segundo um ponto de vista tradicional, o objeto da arqueologia seria apenas as “coisas”, particularmente os objetos criados pelo trabalho humano (os “artefatos”), que constituiriam os “fatos” arqueológicos reconstituíveis pelo trabalho da escavação e restauração por parte do arqueólogo”. Assim a Arqueologia pode ser entendida como o estudo da cultura material em sua relação com o comportamento humano (FIGUEIREDO, 2009).



Figura 4: Pote com linhas incisadas finas no ombro e apliques zoomorfos. Foto: Raul Perigo, set., 2015, (tese de SILVA, c. a. 2016).

No baixo Amazonas, no município de Monte Alegre verifica-se, como principal atrativo turístico, pinturas rupestres localizadas num conjunto de três serras, situadas a cerca de 40 km a oeste da sede municipal. As constantes visitas a essas serras, para a visualização de pinturas rupestres, levam os turistas a não se intimidarem em deixar registrada nas rochas a sua presença. A grande quantidade de recursos com potencialidade para serem Atrativos Turísticos fazem do Parque Estadual Monte Alegre (PEMA) um dos principais da região. O encontro de potencialidades arqueológicas, geológicas, faunísticas e florísticas transformam o PEMA em um dos principais atrativos da Região Amazônica. No Brasil, poucos são os locais que aliam essa série de características (FIGUEIREDO, 2009).

O fazer da indústria da cerâmica, dos trançados de fibras e aos estratos de solo férteis de terra preta de índios, essa rede de interação do cotidiano das tribos no Amazonas, foi notada nos primeiros olhares da sociedade ocidental (PORRO 1995, p.53, apud. Silva, 2016). Nesse sentido, a arqueologia é uma disciplina de cunho social, cujo método vem de certo modo recolhendo evidências da história indígena pretérita no ambiente amazônico, no qual os habitantes transformaram os recursos naturais em bens de serviços no sentido de atender às demandas sociais e culturais (SILVA, 2016).

As formas e objetos encontrados nas escavações arqueológicas vêm comprovar que as populações pré-históricas têm ação direta no manejo da região onde se estabelecem, deixando suas assinaturas em abrigos, cavernas, rochas, além de interferir na natureza à medida que introduzem nova espécies que vão contribuir não só para alimentação como para a produção de peças utilitárias como é o caso das palmeiras (açai, bacaba etc.) e outras árvores (andiroba, copaíba etc.), para outros fins, como as espécies utilizadas para possíveis curas ou para a tecnologia do cotidiano das sociedades humanas (SILVA, 2016).

Do mesmo modo que a cultura e a identidade de qualquer povo, o artesanato também se recria. Ele se adapta às necessidades e possibilidades contemporâneas. Assim, os indígenas atualizam os seus produtos, podendo utilizar novos recursos, novos materiais, novas formas e usos atuais (chapéus, leques, abajures, bijuterias, canetas, etc.). É um processo que caracteriza as

mudanças resultantes dos contatos interculturais, mostrando que a cultura está em constante recriação e construção, mantendo a essência das especificidades do povo que o produz (PALAZUELOS, 2012).

A diversidade da arte indígena no Brasil. Expõe também a estreita ligação do artesanato como expressão da identidade cultural dos povos indígenas, transformando igualmente a natureza em cultura material. Para as comunidades indígenas, “trançar também é uma maneira de contar histórias e de pensar no sentido da vida”. Impressiona a variedade de objetos artesanais e a relação dos povos indígenas com a matéria prima. Um aspecto que caracteriza a arte indígena é sua estreita e criativa em relação com as plantas utilizadas para o artesanato. Nesse contexto, eles entendem seu artesanato como “a arte de preservar a saúde e o meio ambiente” (PALAZUELOS, 2012).

### **O Artesanato na Idade Média**

No contexto que denominou-se sociedade medieval estabelecida na Europa ocidental, a partir do séc. XI, apresenta uma característica peculiar as cidades. “Cidade produtora, cidade mercantil, a cidade é também, economicamente [...] um centro de consumo, em razão da densidade de seu povoamento e do número de não-produtores entre seus habitantes”, é o que escreve Le Goff (1992, p. 74). Não obstante, Schmitt (2006) vai ressaltar que “A renovação do fenômeno urbano é um dos maiores aspectos da história da sociedade e da cultura da Europa dos séculos XI – XIII, e ela deixou marca indelével até nossos dias, nas cidades europeias”. Parte da historiografia desperta um olhar mais aguçado às relações sociais estabelecidas que se desenrola no interior dessa sociedade, tanto no seu dia-a-dia, como nas relações de trabalho, já que o homem tem a necessidade de produzir para subsistência, as condições para essa produção da vida material não são dadas, precisam ser despertadas pela criatividade humana, através da organização do processo produtivo, como fator indispensável para a reprodução humana.

A concentração urbana na época feudal foi marcante para o avanço do comércio, esse aumento populacional foi causado pela diminuição das epidemias e pela diminuição considerável das invasões, como pontuou Lopez (1980, p. 98) “a população responde mais prontamente aos estímulos econômicos que uma população dispersa”, para complementar depois, “a urbanização e comercialização na cidade medieval foram fenômenos que se apoiaram reciprocamente”. A origem das feiras pode-se buscar nos pequenos mercados locais a partir do século IX, pois abundavam por toda a Europa. Esse mercado, de acordo com Pirenne (1973) tinha por objetivo atender as 10 necessidades de alimentação cotidiana da população que vive no lugar onde elas se realizam. Por isso, continua Pirenne (1973, p. 103), “os mercados são semanais e seu raio de atração é muito limitado; sua atividade limita-se à compra e venda a varejo”. Já, as feiras ganham vigor a partir do século XI. Para Pirenne (1973, p. 104) elas são:

[...] lugares de reuniões periódicas dos mercadores profissionais. São centros de intercâmbios e, principalmente, de intercâmbios em grande escala, que se esforçam em trazer até eles, fora de toda consideração local, o maior número possível de homens e produtos. [...] Por conseguinte, é impossível realizar as feiras mais de uma vez, ou quando muito, mais de duas vezes por ano no mesmo lugar, visto ser preciso que se façam preparativos consideráveis (PIRENNE, 1973, p. 104).

O Feudalismo sofre com as próprias transformações decorrentes de sua essência – uma sociedade marcada por uma estratificação muito definida, fechada, agrária, fragmentada politicamente e dominada culturalmente pela Igreja. Junto com esta sociedade desenvolve-se o segmento que vai se desenvolver e contribuir para a derrocada do Feudalismo que é o segmento urbano. A sociedade passava a feudo-burguês deixando a ser feudo-clerical, uma transformação lenta mas firme, subjugando o segundo: emergiam as cidades, as universidades, a literatura vernácula, a filosofia racionalista, a ciência empírica, as monarquias nacionais. Os conservadores, como Dante Alighieri, lamentavam tais transformações. Inegavelmente caminhava-se para novos tempos.

Os Sacerdotes, os guerreiros e os trabalhadores fizeram parte da sociedade feudal, sendo que o homem que trabalhava produzia para ambas as outras classes, eclesiástica e militar. Para realizar o seu trabalho de campo, o

trabalhador precisava da permissão do senhor feudal dono dos meios de produção desejava que seu trigo fosse moído ou suas uvas esmagadas na prensa de lagar. Poderia fazê-lo - mas tratava-se do moinho ou prensa do senhor e exigia-se pagamento para sua utilização. Eram quase ilimitadas as imposições do senhor feudal ao camponês. De acordo com um observador do século XII, o camponês "nunca bebe o produto de suas vinhas, nem prova uma migalha do bom alimento; muito feliz será se puder ter seu pão preto e um pouco de sua manteiga e queijo..." (HUBERMAN, 1981).

O camponês era um escravo do senhor feudal, mas não tinha a característica do escravo no sentido da palavra, pois, ele tinha família que não se separava por vontade do senhor do feudo, o escravo era tido como um objeto de posse do senhor de escravos, já o camponês não ele não possuía terras, mas era livre, poderia trocar de senhor. Por pior que fosse o seu tratamento, o servo possuía família e lar e a utilização de alguma terra. Como tinham, realmente, segurança, acontecia por vezes que uma pessoa livre, mas que por um motivo ou outro se encontrava arruinada, sem lar, terra ou comida, "oferecer-se-ia (a algum senhor, como servo), uma corda no pescoço e uma moeda na cabeça".

Eram produzidos ferramentas e utensílios rudimentares que favoreciam o cultivo da agricultura, caça, pesca e para o trabalho com a madeira (enxada, pás, machado, facas, arcos, flechas e outras armas). À medida em que surgia a necessidade de desenvolver novas ferramentas que fizessem o trabalho mais ágil, o camponês desenvolveu habilidades que lhes permitiram ter uma profissão específica e reunir aprendizes e ajudantes. A produção cresceu, devido a demanda, não oportunizando mais ao camponês diversificar suas atividades, eles tiveram que trocar o que de melhor produziam por mantimentos e peles, podendo assim, manter uma certa quantidade de homens e suas famílias desenvolvendo atividade específica como era o caso da produção de armas. As trocas se intensificaram, portanto, entre artesãos, agricultores, caçadores e pescadores. A economia adquiria maior complexidade à medida que as relações econômicas realizadas em determinadas localidades alcançavam comunidades cada vez mais distantes. Com a ampliação do

mercado de troca houve o contato de diferentes culturas, causando modificações sobre os hábitos de consumo e a estrutura produtiva

O artesão na Idade Média se estabelecia num feudo<sup>2</sup> e oferecia seus préstimos ao senhor feudal. Ali ele tanto trabalhava na agricultura, como produzia artesanalmente tudo o que fosse necessário para a manutenção do feudo. Porém, seu trabalho não era acumulativo, trabalhava apenas para sua sobrevivência e o seu raio de ação era muito limitado. Com o crescimento das cidades nos séculos XI e XII, principalmente na Europa, essa forma de organização do trabalho se modificou. O artesão passou a expandir suas atividades e a formar equipes de artesãos – as oficinas, onde havia liberdade de organização da sua produção, ocasionando uma expansão de suas atividades (FRANCO JÚNIOR, 2001).

As oficinas possuíam matéria-prima e ferramentas para a produção artesanal, e a relação de trabalho diferia daquela que havia nos feudos. Os artesãos passam a receber um salário pelas horas trabalhadas. Para a viabilização comercial, o dono da oficina – o mestre-artesão, tinha os contatos comerciais que possibilitavam a comercialização a partir da negociação dos preços, que eram administrados para serem sempre baixos, e da qualidade na produção (BLOCH, 1987).

O dono da oficina era quem se privilegiava de grande parte dos lucros resultante da comercialização dos produtos artesanalmente fabricados. Outros mestres podiam fazer parte da oficina, podendo assim diversificar as mercadorias produzidas. As relações eram na maioria das vezes de parentesco, sendo a primeira etapa de um processo de emancipação da economia capitalista, que séculos depois foram absorvidas pelas indústrias, sob a hegemonia do capital. Observa-se que as oficinas medievais foram uma etapa inicial do processo de complexificação da economia europeia que, séculos mais tarde, se configuraram sob a hegemonia das indústrias (SCHMIDT, 2002).

---

<sup>2</sup>O feudo em si podia ser a única propriedade de um cavaleiro, ou uma pequena parcela de um grande domínio que constituía parte de um feudo, ou uma imensa concessão de terra. Alguns nobres possuíam vários feudos, outros alguns domínios, e outros um número de feudos espalhados por lugares diferentes (HUBERMAN, 1981, pág.12).

A manufatura surge no século XV como forma de organização dos artesãos para produção em escala maior. É considerada por alguns estudiosos como a forma inicial do capitalismo, pois os artesãos passaram a receber um salário. Nessa fase a produção é realizada por etapa, com cada um sendo responsável por uma parte da produção, e não vemos mais a figura do mestre-artesão, dono dos meios de produção e responsável por toda a produção. Algumas máquinas simples começam a ser introduzidas, como a máquina de fiar e a de tecer, no caso da tecelagem (SINGER, 1994; SWEEZY et al., 1977). Apesar de as relações que ocorriam nas oficinas, não se pode compará-las à organização de uma fábrica, que se instala somente com a Revolução Industrial no século XVIII (HENDERSON, 1979; SCHMIDT, 2002).

### **O Artesanato na atualidade**

Segundo Leff (2000, p. 23) *“desde o começo, o processo de acumulação impôs a necessidade de expandir suas fronteiras a todas as regiões do mundo, para a exploração de seus recursos e da sua força de trabalho”*, o que significa que desde o mercantilismo o Brasil e outros, que foram colonizados, tiveram seus recursos naturais explorados bem como e, especialmente, a mão de obra das populações tradicionais que habitavam e habitam estes países. Ainda segundo Wolf e Palerm (apud Leff 2000, p.23): *“antes da conquista destes povos, sua organização social e produtiva havia-se ajustado com harmonia às estruturas ecológicas de seu meio ambiente”*

Apesar de o segmento de artesanato proporcionar o sustento de 9 milhões de brasileiros, ser responsável por 3% do PIB e despontar com toda expressão de Norte a Sul do país, ainda é no Nordeste que se tem a maior concentração da produção de artesanato, principalmente no sertão do Ceará, Pernambuco e Bahia, onde as feiras de Sobral, Caruaru e Feira de Santana são destaques na comercialização. Nessas feiras é visível a representação da sociedade através do artesanato. Pode-se também observar a relação que o artesão tem com o meio ambiente, por meio de muitos produtos cuja matéria-prima é retirada da natureza, com o devido respeito ao meio ambiente. Exemplo disso é a madeira das carrancas do São Francisco; o barro, das

cerâmicas nordestinas em geral; e as fibras animais e vegetais, das cestarias (SEBRAE, 2014).

O artesanato no Brasil tem sido amplamente divulgado nos meios de comunicação, com programas específicos, com feiras nacionais e internacionais nos grandes centros, impulsionando cada vez mais o seu consumo pela produção. O artesanato também tem sido utilizado em consultórios de Psiquiatria e Psicologia, como forma de terapia ocupacional. A quantidade de artesãos e pessoas que gostam do artesanato como decoração, ou até mesmo, como bem de uso doméstico, tem aumentado consideravelmente por se tratar de peças únicas e de grande beleza. Por isso, o que parecia improvável há dez anos hoje tende a ser uma moda que dure. Tem sido frequente centros comerciais contarem com lojas de artesanato preocupadas em não oferecer um “souvenir”, mas um objeto que simbolize uma forma de cultura e de expressão artística de determinado lugar (SEBRAE, 2014).

Devido à diversidade cultural, o artesanato brasileiro é um dos mais ricos do mundo e atravessou fronteiras. Hoje se encontra na Europa, no Oriente, nas Américas, em todos os continentes. Se expressa nas cerâmicas, funilaria, trabalhos em couro e chifre, trançados e tecidos de fibras vegetais e animais, fabrico de farinha de mandioca, monjolo de pé de água, engenhocas, instrumentos de música, tintura popular. E também se encontram nas pinturas e desenhos (desde os mais primitivos), esculturas, trabalhos em madeiras, pedra, guaraná, cera, miolo de pão, massa de açúcar, bijuteria, renda, filé, crochê, papel recortado para enfeite, entre outras diferentes formas de manifestações (MOUCO, 2010).

No estado do Amazonas o artesanato é variado, com forte influência indígena, e produzido principalmente a partir de sementes, fibras regionais e madeira que, quando associadas ao ouro ou à prata, adquire um alto valor comercial. Muitas comunidades ribeirinhas já se encontram organizadas e produzindo grande quantidade de artesanato, tornando-o uma das principais fontes de renda para as famílias. O maior desafio dessas comunidades é a comercialização de seus produtos sem ferir suas identidades culturais e, ao mesmo tempo, atender às exigências do mercado (SEBRAE, 2014).

Esse artesanato de influência indígena exibindo toda a beleza exuberante de nossas florestas são colares, pulseiras, brincos, gargantilhas, utensílios domésticos e peças decorativas confeccionados com matéria-prima fornecida pela própria floresta como sementes, fibras e madeiras e que apresentam uma grande variedade de cores naturais.

Barroso (2006) afirma que o artesanato pode ser analisado dependendo do tipo de matéria-prima que é utilizada, pois o cada processo possui conjunto de procedimentos que os fazem únicos, assim como práticas profissionais, técnicas, ferramentas e produtos. No Brasil a matéria prima utilizada na produção artesanal é muito variada: barro, couro, fibras vegetais, fios, madeiras, metais, pedra vidro e etc. A produção artesanal de uma comunidade retrata a sua relação com o território, tece uma rede de atividades que envolvem recursos do ecossistema, além da identidade cultural que juntos sustentam a tradição de uma população.

## **CAPÍTULO 2 – O PROCESSO PRODUTIVO DO ARTESANATO NA APA MAROAGA: SUSTENTABILIDADE E NUANCES DE UM TRABALHO IMPREGNADO DE SUBJETIVIDADE**

Este capítulo é imprescindível para a compreensão das etapas do processo produtivo do artesanato e seus desdobramentos no ambiente. Na APA Maroaga o artesanato é a materialização da subjetividade das mulheres artesãs, que utilizam essa atividade para exteriorizar o seu interior, sendo então o artesanato a expressão da coletividade das mulheres artesãs. Apesar de não serem a principal fonte de renda, as atividades artesanais, na APA Maroaga, exteriorizam o trabalho de sociedades tradicionais e possuem significativa importância, pois imbrica o material e o simbólico, concomitantemente.

### **2.1. Sociedades tradicionais**

Para definir as sociedades tradicionais no Brasil, DIEGUES (2002, p. 89) retrata algumas características fundamentais, de acordo com o autor citado “[...] a tecnologia utilizada é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente. Há reduzida divisão técnica e social de trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final [...]”.

As sociedades tradicionais não são estáticas, estão em constante mudança, de acordo com o desenvolvimento do lugar onde se estabelecem, em função de fatores internos e externos porém em ritmo mais lento que as sociedades urbanas contemporâneas, a elaboração artesanal adquire um papel fundamental dentro da cultura e da estrutura econômica do grupo, pois a característica da produção artesanal é de ser de pequena monta, sem tempo determinado para a elaboração e sem compromisso mercantil. Por isso, tem uma relação efetiva com a sustentabilidade, uma vez que esse tipo de produção é harmônico com o Meio Ambiente e atende as necessidades básicas das comunidades.

O conceito de Teia, defendido por CAPRA (1997, p. 182) aborda que “[...] a evolução não pode ser limitada a adaptação de organismos ao seu meio

*ambiente, pois o próprio ambiente é modelado por uma rede de sistemas vivos capazes de adaptação e de criatividade”.*

Segundo Ostrowera (1977) o homem desenvolve sua natureza criativa de acordo com o contexto cultural. O desenvolvimento humano ocorre em uma realidade social, cujas necessidades e valorações culturais se moldam como valores de vida. No indivíduo confrontam-se, por assim dizer, dois pólos de uma mesma relação: a sua criatividade que representa as potencialidades de um ser único, e sua criação que será a realização dessas potencialidades já dentro do quadro de determinada cultura.

As populações tradicionais foram o alvo de atuação do Projeto Artesanato para Geração de Renda, feito pela Comunidade Solidária. Reportando ao longo da história, os imigrantes no séc. XIX, realizam a produção artesanal, onde destaca-se duas características principais: A primeira está relacionada a produção agrícola, produzidos com matéria prima *in natura* com produtos pré-elaborados ou fabricados, como a confecção de vassouras, cestas, peneiras, esteiras, suportes para armazenar a produção, sacos para embalagem (principalmente de café). A segunda característica é a produção de objetos artesanais para atender as necessidades domésticas, sempre feitos por mulheres, utilizando matéria-prima pré-fabricada, principalmente tecidos. O artesanato comercializado pelo turismo rural, nos dias de hoje, é fruto desse período, cujas técnicas e modelos foram preservados pelo uso contínuo que deles faz a população rural (SEBRAE, 2014).

A produção artesanal criada pelo turismo ou a chamada indústria do trabalho manual e da indústria dos *souvenirs*, [...] produto artesanal tem sido substituído, nos últimos anos, por uma imensa invasão de estereótipos externos e desnaturalizados, que assolam e invadem as imagens, os objetos e os diversos produtos, provocando absoluta descaracterização de identidade [...], [dos produtos artesanais]. Uma das preocupações nesse recorte é a descaracterização do artesanato e a *souvernização* do produto artesanal, que pode [...] causar uma nova massificação dos produtos artesanais ao promover à produção de *souvenirs* descaracterizados [...] (PINHO, 2002, p. 172, *grifo do autor*).

Atualmente, com a população urbana maior que a população do campo, os objetos artesanais produzidos na zona rural estão sendo vistos e entendidos dentro da própria dinâmica dessas sociedades. Por isso, [...] a coexistência contemporânea dos contornos do industrial e do pré-industrial, da cidade e do campo, do religioso e do lúdico, do trabalho e do lazer, do 'popular' e do 'culto', em uma civilização formada por culturas as mais diversas, que se imbricam fortemente ao longo dos séculos e continuam a fazê-lo sob as mais variadas modalidades [...] (FROTA, 2000, p. 23). Dentro da análise de Frota o entendimento sobre artesanato teve que ser revisto e acrescido, para absorver as diferentes formas de trabalho e as mais variadas técnicas e matérias-primas, assim como, para compreender de forma mais abrangente, a relação do urbano com o tradicional, o típico, o rural etc.

A região amazônica abriga as populações tradicionais não indígenas, as populações tradicionais quase sempre ocupam a beira de igarapés, igapós, lagos e várzeas, sendo denominados caboclo/ribeirinho. Segundo Diegues (1999) essas populações dependem praticamente da pesca para sobreviver. Porém, de acordo com o ciclo sazonal das águas interfere no dia-a-dia dessas populações assim como as atividades de extrativismo vegetal e agricultura.

A tecnologia usada para as diversas atividades é básica, quase não produz impacto na natureza, onde os meios de produção são a terra, a floresta e a água. Todo conhecimento é passado de pai para filho, conhecimento este que permite a cada geração sobreviver com baixo impacto sobre o bem maior que é a natureza. O camponês é também um agente econômico, o chefe de família e sua propriedade é uma unidade econômica porque permite dela retirar o que precisa para sobreviver, é unidade econômica para outras pessoas porque outros também se prevelem de sua produção para sobreviver e ainda é seu lar (WITKOSKI, 2010).

O camponês tem que desenvolver várias atividades, fazendo deles um ser denominado como multifuncional, necessidade que o camponês tem para conseguir sobreviver. Como sua vida está integrada a natureza que o cerca e esta natureza passa por sazonalidades, que fazem o camponês diversificar suas atividades de tal forma que ele acaba de tudo fazendo e entendendo um pouco. É um conhecimento que não pode ser descartado, muito pelo contrário

é a cultura popular que permite sobrevivência em áreas tão inóspitas, mas para o camponês uma extensão do seu espaço (WITKOSKI, 2010).

De acordo com Fraxe (2010) as famílias dessas populações tradicionais são compostas por varão, esposa, filhos quando a família é nuclear e em alguns casos os agregados, no caso as esposas ou maridos dos filhos e netos quando a família é extensiva. O fazer cotidiano ou o processo produtivo do trabalho está baseado na Unidade Familiar (UF), onde se divide as atividades em unidades produtivas e tarefas no lar, pertence ao homem a responsabilidade das decisões nas unidades produtivas (roça, caça, pesca e extrativismo) e comercialização dos produtos. Porém, a mulher cabocla/ribeirinha trabalha em todos os processos produtivos, é ativa no trabalho com o companheiro, além, de realizar as atividades do lar.

As famílias extensas possuem mais probabilidade de se manter, pois, o suprimento de alimentos é mais abundante e ocorre com mais frequência onde entre os camponeses, onde existem as tarefas de cultivo e a posse de especialidades, que ocupam maior tempo de trabalho, permitindo e requerendo mais força de produção Fraxe (2000).

No entanto, apesar da família extensa ter maior capacidade de produção, devido ao maior número de mão-de-obra e tendo maior vantagem sobre a família nuclear, temos que perceber que esta família extensa cria tensões que não são evidentes na família nuclear. Dentre esses conflitos podemos verificar as divergências entre gerações sucessivas, envolvendo problemas de sucessão nos papéis de decisão da unidade familiar.

A relação entre o homem e a natureza é muito bem compreendida pelo ribeirinho, para ele está muito claro que sua sobrevivência depende da forma como cuida do ambiente em que vive. Para isso, eles continuam desenvolvendo práticas de manejo baseadas em antigas formas de desenvolvimento baseadas em manejo e técnicas de exploração que visam o equilíbrio socioambiental, sempre respeitando a conservação e o tempo de reposição do ecossistema. O pai de certa idade, já cansado da labuta e já manejou os recursos do grupo, precisa passar a liderança para o filho, da mesma forma a mãe já cansada da “labuta” da casa precisa repassar os

afazeres domésticos para uma substituta, geralmente a mulher do filho (FRAXE, 2000).

A mão-de-obra utilizada nas diversas atividades é familiar. Na família camponesa há uma divisão social e sexual do trabalho seja essa família extensa e ou nuclear (WITKOSKI, 2010).

Essas mulheres vêm de outra unidade familiar em geral são “forasteiras”, são de outra comunidade, fruto de um sistema de autoridade centralizada no varão, o pai da família, como ocorre na maioria dos camponeses, as mulheres acabam ofuscadas pelos desejos dos seus maridos aos quais têm que se ajustar (FRAXE, 2000).

Segundo Fraxe (2000), essas mulheres camponesas têm uma jornada de trabalho infinita: é mãe, doméstica, agricultora, pescadora, extratora e muitas vezes artesãs, mas apesar dessa jornada intensa sua participação nas decisões sociais e políticas da comunidade são diminuídas em relação a participação do homem. Em algumas comunidades, onde as mulheres fazem parte do Conselho Comunitário, no momento da reunião, que ocorre depois do culto, elas são convidadas a se retirar pelos seus companheiros.

As mulheres dessas comunidades, como ocupam um segundo plano nas decisões sociais e de trabalho, são gentilmente convidadas, pelos seus maridos, a irem para suas casas “preparar o fogo para o assado de peixe”, colocar os filhos menores dentro do “mosquiteiro” – protetor de insetos- para adormecê-los e se banhar para esperar seus homens” (FRAXE, 2000). Apesar de todas as atividades destinadas a essas mulheres, elas não controlam e nem participam das decisões de suas vidas, apenas somam com seus maridos para construir a possibilidade de sobreviver dignamente.

Em contrapartida encontramos regiões onde as mulheres camponesas participam, juntamente com seus companheiros, desde o planejamento até a execução das atividades. Essas atividades são executadas tanto pela família quanto pelos seus agregados. Um percentual muito baixo de famílias faz planejamento em conjunto (o casal), sugerindo evidências do sistema patriarcal em maior quantidade.

## 2.2. Caracterização da APA Maroaga

O nome APA Maroaga foi dado em homenagem a um chefe Waimiri-Atroari que, segundo a lenda, ali se refugiou na década de 60 durante a construção da BR-174. Faz parte do sistema Maroaga, que está inserido no domínio morfoestrutural do Planalto da Bacia Sedimentar do Amazonas, no qual é possível diferenciar as seguintes unidades: Planície Aluvionar Recente, Platô Arenítico e Platôs Lateríticos.

A área possui três bacias de drenagem (Figura 5), os rios Urubu, Uatumã e Abonari, e abriga dois sub-afluentes da bacia do rio Pardo: os igarapés Canoas e Canastra. A vegetação da área destaca-se pela cobertura de Floresta Tropical Densa com árvores emergentes típicas de Terra Firme, e pelas Florestas Abertas de Campina e de Igapó.

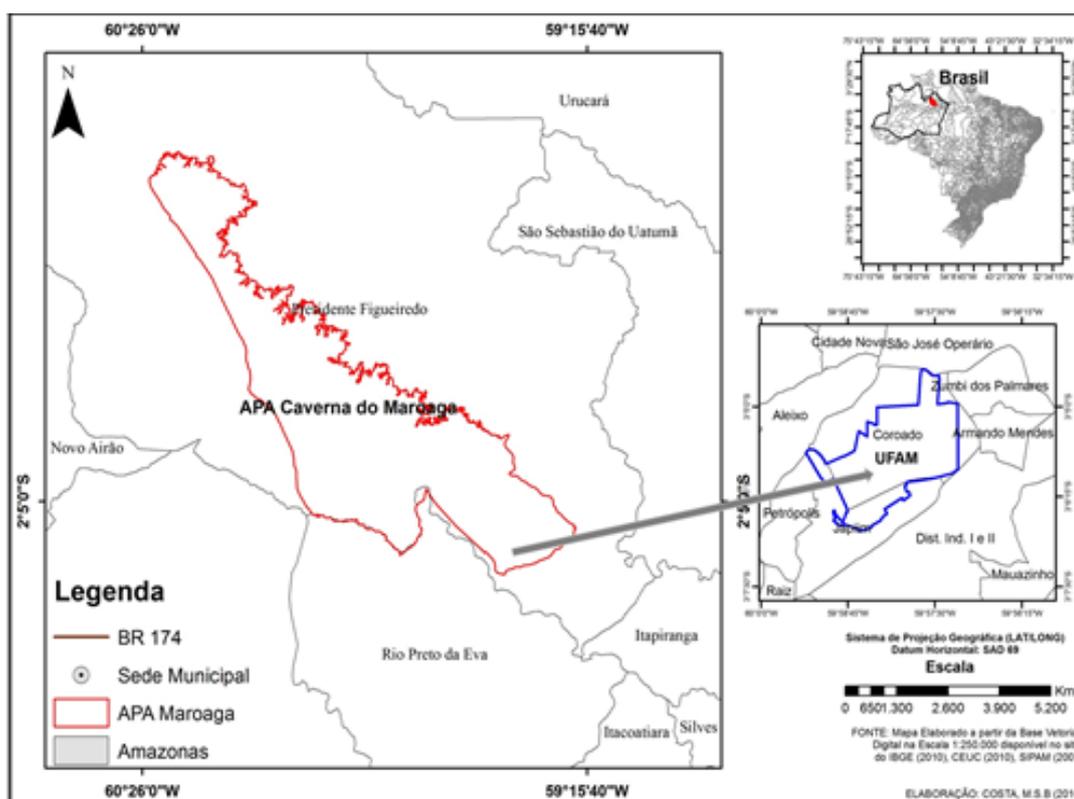
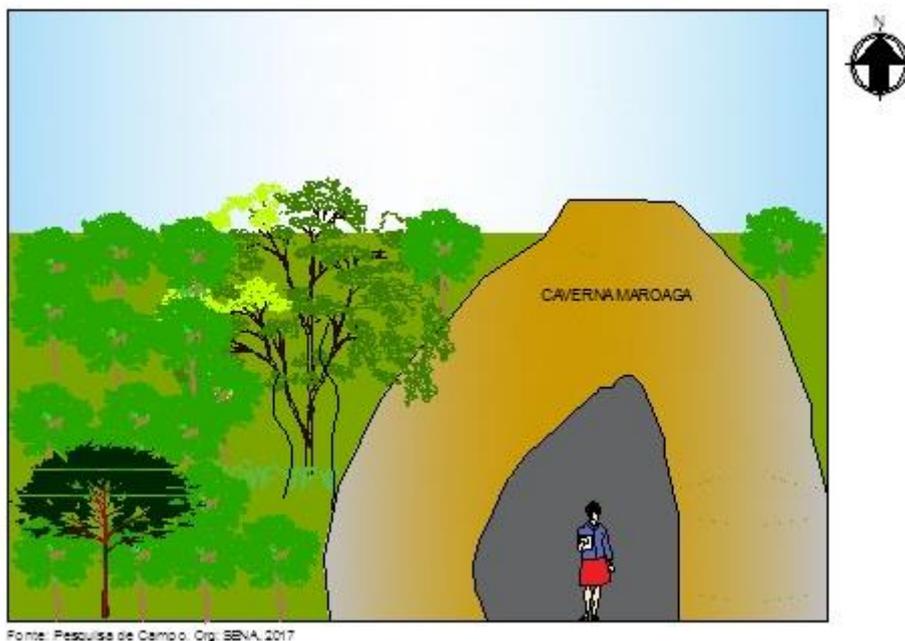


Figura 5: Mapa da área em estudo. Fonte: NUSEC, 2016.

As cavernas da área representam as formações geológicas mais antigas do flanco Norte da Amazônia Brasileira. Seu contexto geológico é um dos mais ricos do ponto de vista da sua diversidade, pois sua formação é composta por

rochas de formação Nhamundá do Grupo Trombetas, dos períodos Terciário e Quaternário (Figura 6).



**Figura 6:** Caverna da APA Maroaga. Fonte: Pesquisa de campo. Org.: SENA, 2017

As cavernas existentes dão à APA Maroaga o caráter de peculiaridade, se comparada às demais Áreas de Proteção Ambiental, e são um dos principais atrativos turísticos da região. Uma particularidade da reserva é a grande quantidade de espécies de morcegos, os quais contribuem, em grande parte, para a diversidade da flora local. Entre as aves, destaca-se o bellissimo Galo da Serra (*Rupicola rupicola*), encontrado próximo aos paredões rochosos das cavernas. Dentre os principais primatas, estão o *Alouatta macconnelli* (guariba) e o *Saguinus midas* (sagüi) (SDS, 2015).

A fauna de vertebrados é extremamente diversificada, apesar da baixa densidade populacional das espécies. A maior parte dos animais é de médio ou grande porte e necessita de extensos territórios para sobreviver. Há, entre eles, espécies de *Panthera onca* (onça-pintada), *leopardus wiedii* (gato maracajá), *Lutra longicaudis* (lontra), *Pteronura brasiliensis* (ariranha) e *Harpia harpyja* (gavião real).

No que se refere à infraestrutura, a APA Maroaga localiza-se no município de Presidente Figueiredo, situado ao norte de Manaus. O acesso é

feito via terrestre. Sua área inicia-se no km 98 e vai até o km 200 da BR-174, que liga o Amazonas a Roraima. A caverna localiza-se no km 08 da margem direita da estrada de Balbina. A entrada da caverna fica a 600 metros da rodovia, por trilha aberta em meio à floresta (SDS, 2015).

A APA é composta por, aproximadamente, 42 comunidades. A pecuária é presente e a agricultura emprega boa parte da mão de obra local. Dentre as espécies cultivadas destacam-se a banana, a mandioca, o cacau, o arroz, o milho, o cupuaçu e o guaraná. A exploração madeireira vem se intensificando. Em algumas comunidades a pesca, embora artesanal, atende o consumo local e de Manaus. O turismo é uma das atividades que geram benefícios econômicos à região, que possui inúmeras cachoeiras e grutas, muitos dos quais encontrados na APA (SDS, 2015).

A APA Presidente Figueiredo - Caverna do Maroaga é o habitat do galo-da-serra (*rupicola rupicola*), espécie muito visada pelo tráfico de animais silvestres. Extenso complexo de cavernas de formação arenítica. Alto potencial para o ecoturismo. Dentre vários tipos de vegetação, a unidade possui áreas de campina e campinarana, com possível ocorrência de várias espécies endêmicas. Faz parte do Corredor Ecológico Central da Amazônia (SDS, 2015)

A Caverna Maroaga guarda evidências arqueológicas relevantes, como vestígios de um afiador num maciço de rocha, à entrada da Caverna da Maroaga. Essa evidência faz parte de um contexto arqueológico pouco conhecido na região e indica a existência de homens e mulheres do passado, daí a sua importância do ponto de vista científico, cultural e como atrativo turístico (IPAAM, 2004).

A fauna é representativa, devido à variedade de ambientes e de vegetação que oferecem as condições adequadas à manutenção da biodiversidade da fauna, das quais se destacam: répteis, quelônios, tartarugas, mamíferos, aves e etc.

A APA Maroaga também possui uma riqueza de espécies de flora, de suma importância para a manutenção da biodiversidade e dos ecossistemas naturais, servindo como agente diminuidor de calor, purificador do ar;

fornecendo abrigo proteção e alimentação para inúmeros organismos. A diversidade de tipos de vegetação abriga espécies de orquídeas e bromélias; árvores de valor comercial como o angelim, o louro, o cedro, o mogno muito utilizado na construção e na fabricação de móveis (IPAAM, 2004).

### **2.3. O processo produtivo e a teia do artesanato na APA Maroaga**

A primeira etapa do processo produtivo do artesanato é a retirada do cipó titica (Figura 7). O cipó titica (*Heteropsis flexuosa*, (H.B.K.) G. S. Bunting, *Araceae*) é uma espécie de valor econômico, produtora de uma fibra longa, clara, resistente e flexível, amplamente empregada na produção de cestas, móveis e outros artefatos em países como o Brasil, Guianas, Peru e Venezuela. É uma raiz aérea com hábito hemi-epífitico secundário, encontrada em florestas úmidas tropicais primárias. Comparando com outras plantas, as raízes do cipó titica são atrativas para fins econômicos pelo fato de serem fortes e também porque sua epiderme e córtex escuros são removidos com facilidade, permitindo a confecção de peças resistentes (CAMPBELL et al., 2003).



Figura 7: Cipó titica. Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

No Brasil, o maior produtor é o estado do Amapá, com uma estimativa média mensal entre 40 a 50 toneladas, seguido pelos Estados do Pará, Amazonas e Rondônia. Esta planta com numerosas raízes remete a um contexto de abundância, que conjugado com o interesse das indústrias de

móveis do Sul e Sudeste do País usuárias de matéria-prima alternativa, tem levado diversas comunidades rurais da Amazônia a extrai-la de forma intensiva e seletiva. Estudos relacionados à espécie têm demonstrado que as plantas de cipó titica morrem ou são bastante danificadas quando a intensidade e a forma de colheita das raízes são realizadas de maneira indiscriminada, afetando a regeneração e a resiliência das populações naturais.

Uma das artesãs pioneiras da APA Maroaga é D. Maria Assunção da Silva, que possui 56 anos de idade e mora há 25 anos na comunidade. Sua família é composta por quatro pessoas, ela, o filho, a nora e a neta. Aprendeu a trabalhar com o artesanato aos sete anos de idade, e há 49 anos trabalha com atividades artesanais, período em que a criança começa a ser introduzida no trabalho produtivo, corroborando as assertivas apontadas por Witkoski (2010). Além de artesã, D. Assunção é pescadora, produtora e extratora, evidenciando sua pluriatividade. D. Assunção se denomina agricultora porque nasceu e se desenvolveu trabalhando na agricultura, porém, para ela, o artesanato é uma complementação de renda e uma atividade satisfatória que reflete o aprendizado das técnicas utilizadas pela comunidade na produção artesanal.

“a gente come, veste, paga as nossas contas, sendo que o artesanato só complementa. O artesanato significa um aprendizado em cada momento que a gente vive na comunidade, o artesanato é um aprendizado, a gente aprende um pouco de cada coisa, eu roço, eu planto, vou na mata tirar o cipó pra fazer o artesanato e ainda cuido da casa” (Entrevistada 1, M. A. S., 56 anos).

Para as mulheres entrevistadas, a extração do cipó titica tem sido dificultada pelo desmatamento. O crescimento da comunidade fez com que houvesse a expansão das áreas desmatadas, fazendo com que as artesãs percorram, aproximadamente, 3 a 4km dentro da mata, pois nas proximidades das moradias têm-se observado escassez de cipó titica. Segundo relatos de D. Maria Assunção, há 25 anos havia grande quantidade de cipó titica, porém, com o aumento populacional das famílias e a chegada de pessoas externas, a comunidade foi aumentando e iniciou-se o processo de desflorestamento, visando à construção de casas e roçados.

O início da produção artesanal partiu da primeira moradora da APA Maroaga, Iracema Assunção, atualmente com 76 anos, que trabalhava e trabalha com a extração do cipó titica para a produção de cestos. A maior parte da produção de cestas e vassouras era comercializada em Manaus, mais precisamente no Mercado Adolfo Lisboa, outra parte era destinada ao mercado de Presidente Figueiredo.

Apesar das dificuldades encontradas para a extração do cipó titica, as artesãs têm procurado outras matérias-primas para a produção do artesanato. Existem vários tipos de cipó, porém nem todos servem para fazer os cestos. Têm cipós mais suscetíveis que quebram com muita facilidade, não sendo indicados para a produção do artesanato. Nesse sentido, os cipós mais utilizados pela comunidade são o cipó titica, o titicão e o ambé. De acordo com as entrevistadas os cipós encontram-se pendurados em palmeiras, daí para a realização da extração é feito um movimento para que o cipó possa cair para elas realizarem a coleta (Figura 8).



Figura 8: Extração do cipó titica. Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

A identificação do cipó titica, em detrimento de outros cipós, é feita por meio da folha que possui inúmeras “canelinhas”, esse conhecimento é geracional, perpetuado por meio do etnoconhecimento. Além do aumento do

desflorestamento, a escassez do cipó titica deve-se à sua superexploração, que além do artesanato é utilizado na produção de cadeiras, mesas, cabeceiras de cama, dentre outros.

“[...] está muito escasso o cipó, é encontrado muito dentro da mata com 4 e às vezes 5km andando desde a casa até encontrar o cipó” (Entrevistada 1, M. A. S., 56 anos).

A comunidade não possui uma sede para se reunir e produzir os cestos, cada artesã trabalha na sua casa (Figura 9), algumas gostam de fazer os “balaies” naturais, outras gostam de pintar. A técnica da pintura dos cestos é feita antes de produzir, o cipó é tingido para dar o colorido nas peças, colocam tinta na água leva a água ao fogo e deixa o cipó fervendo, depois deixa secar e trabalha o cipó produzindo a peça.



Figura 9: Produção do artesanato. Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Pode-se observar, com base no relato abaixo, que há uma expressiva utilização de cipó titica na APA Maroaga, e, com o aumento da extração do cipó cresce, paralelamente, a escassez dessa matéria-prima. Além do uso do cipó titica na confecção de cestas, mesas e cadeiras, há também utilização para a confecção de objetos de decoração.

“Eu uso o cipó titica para fazer os cestos, nós temos que ir na mata tirar, as vezes eu tiro os finos porque não tem grosso. A gente tira o cipó durante todo o ano, não tem uma época de tirar, o cipó rapidinho engrossa e a gente tira” (Entrevistada 2, A. C. R. S., 54 anos).

Nesse sentido, as mulheres artesãs relatam que, devido ao artesanato ser uma atividade de complementação da renda, e devido à agricultura ser a principal fonte de recursos financeiros, a retirada do cipó titica necessita da força de trabalho de pessoas externas à família.

“Pago cinquenta reais por um fecho pequeno de cipó, se eu for tirar eu saio de manhã e chega de tarde, se for tirar aqui na comunidade eu ando uns quatro km” (Entrevistada 2, A. C. R. S., 54 anos).

A comercialização do artesanato na APA Maroaga é realizada na Praça da Vitória, no mercado de Presidente Figueiredo, e na Feira AGROUFAM<sup>3</sup>, desenvolvida pela Universidade Federal do Amazonas, em Manaus. Apesar da importância da complementação de renda e do aspecto simbólico do artesanato, as artesãs não conseguem se reproduzir socialmente apenas com a renda obtida por meio do artesanato.

Na APA Maroaga há um Centro Comunitário que foi construído pela artesã D. Iracema Assunção da Silva. Por meio do Centro Comunitário, as mulheres realizam o café da manhã e comercializam os seus artesanatos, nos dias de sábado e domingo (Figura 10). Pode-se observar, com base na figura abaixo, que a APA Maroaga organiza e produz seus territórios de acordo com as necessidades das famílias, nesse sentido, as artesãs organizam o espaço desde a confecção do artesanato até a comercialização.

---

<sup>3</sup> A Feira AGROUFAM será detalhada de forma profícua no Capítulo 3 da dissertação.



Fonte: Pesquisa de Campo. Org.: SENA, 2017.

Figura 10: Organização da comunidade e espacialização do Café-da-Manhã. Fonte: Pesquisa de campo. Org.: SENA, 2017.

A ideia do café-da-manhã surgiu por meio da reorganização da comunidade para a recepção das pessoas que trabalhavam com o processo de desflorestamento. Nesse processo de modificação espacial foi criado o local de exposição e comercialização do artesanato, conforme o relato a seguir:

“Um dia Adevani me ligou e pediu para fazermos um café da manhã para quarenta pessoas durante dois dias, eles iam trabalhar com o processo de desmatamento da comunidade e eu topei. Falei com a Suzana, Sebastiana, Maria e Mamãe, quando deu 10h Adevani ligou dizendo que o pessoal não vinha mais, daí ele veio e junto. Nós colocamos as coisas debaixo do pé de jambo e fomos vender todo o café da manhã e vendemos tudo”. (Entrevistada 4, I. A. S., 54 anos).

Segundo o relato dos entrevistados, foi dessa forma que nasceu a ideia de construir um local para fazer o café da manhã que funciona até hoje. Os dias de sábado e domingo são os mais movimentados devido ao fluxo turístico acerca das cachoeiras que atraem os turistas que vêm de Manaus e param

para tomar café, a partir do café-da-manhã (Figura 11) as mulheres artesãs aproveitam o espaço para expor e comercializar os seus artesanatos.



Figura 11: Local onde são expostos o artesanato e o café-da-manhã. Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Durante a Festa do Cupuaçu, festa de destaque que ocorre no município de Presidente Figueiredo, há um acentuado aumento do fluxo turístico, e a comunidade trabalha na festa expondo seus artesanatos. Pode-se inferir, após análise das entrevistas, que o artesanato é um aprendizado constante e geracional, pois através dele há uma perpetuação de conhecimentos tradicionais, que vai desde a escolha dos cipós utilizados na confecção dos cestos e balaios, até o tecer do artesanato. O conhecimento do processo produtivo do artesanato é evidenciado nos relatos a seguir.

“Comecei a fazer artesanato porque minha sogra fazia cestos com cipó e com pedaços de tábuas grossas, daí comecei a fazer também” (Entrevistada 2, A. C. R. S., 54 anos).

“Eu faço artesanato há quarenta anos, morei primeiro em Itacoatiara e lá eu aprendi a fazer o artesanato e lá o pessoal do sogro da minha filha já trabalhava com artesanato e eu comecei a aprender e a vender e fazíamos muito, vassoura, cestos para roupa, e cestas” (Entrevistada 3, I. A. S, 77 anos).

Apesar da importância do artesanato para as mulheres artesãs da APA Maroaga, não há associação de artesãs, evidenciando a necessidade do desenvolvimento de uma organização social formal. Entretanto, há uma forma

de organização social de suma importância para as artesãs, que é o clube de mães.

“não temos associação, trabalhamos como se fosse um clube de mães, vendemos o artesanato ali na frente naquele espaço que minha sogra mandou construir, e agora na Feira AGROUFAM” (Entrevistada 2, A. C. R. S., 54 anos).

O clube de mães é uma associação informal que congrega mulheres de uma ou mais comunidade, no mesmo território, com fins coletivos. Por exemplo, para tecer, cozinhar, costurar, dentre outros (FRAXE, 2004). Nesse sentido, observa-se a imprescindibilidade do clube de mães na reprodução do artesanato da APA Maroaga.

Nesse sentido, conforme foi apresentado anteriormente, foram observados os principais pontos transversais ao processo produtivo do artesanato na APA Maroaga, entretanto, existem etapas que precisam ser detalhadas para que haja um aprofundamento da temática proposta e o alcance do objetivo da pesquisa. Visando a elucidação do processo produtivo, a Figura 12 apresenta a sistematização das etapas constituintes da produção artesanal e de seus desdobramentos.

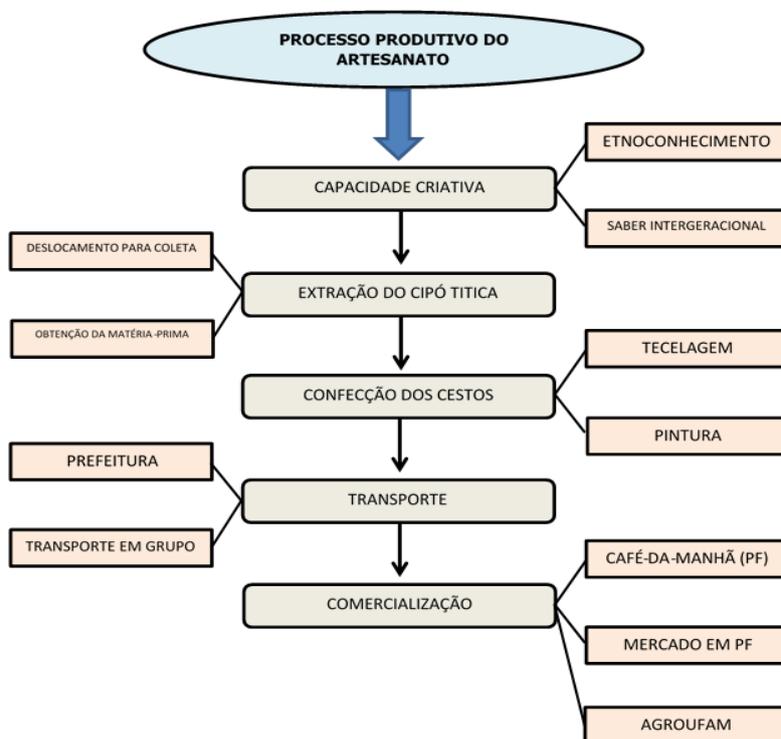


Figura 12: Fluxograma do processo produtivo do artesanato. Fonte: Pesquisa de campo.

Antecedente à primeira etapa do processo produtivo, perpassa um elemento da subjetividade das mulheres artesãs, que é a capacidade criativa associada ao etnoconhecimento e ao saber intergeracional. Miranda (2007) afirma que o etnoconhecimento é o conhecimento produzido e perpetuado por povos indígenas, comunidades locais e por outros grupos sociais, transmitido geracionalmente e oralmente. França e Silveira (2015) destacam que o etnoconhecimento tem significativo valor devido à sua utilidade na prática cotidiana, e tem sido muito utilizado cientificamente, demonstrando também seu uso nos métodos de investigação científica.

A primeira etapa do processo produtivo do artesanato na APA Maroaga é a extração do cipó títica, que envolve dois procedimentos: o deslocamento para as áreas de coleta, que dura aproximadamente 4h devido à distância das áreas onde há concentração da matéria-prima; e a obtenção da matéria-prima, que é feita por meio de técnicas específicas de coleta. A segunda etapa refere-se à confecção dos cestos, que envolve o processo de tecelagem e de pintura, ambos realizados na casa das artesãs.

A terceira etapa do processo produtivo é o transporte do artesanato até as áreas de comercialização, realizado ou pela Prefeitura de Presidente Figueiredo, ou por sujeitos externos que levam os artesanatos e as mulheres até os locais de destinação do comércio dos seus produtos. A quarta e última etapa refere-se à comercialização do artesanato, que ocorre no Mercado de Presidente Figueiredo, no café-da-manhã nas proximidades das cachoeiras, e, principalmente, na AGROUFAM, plotada na Faculdade de Ciências Agrárias (FCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

O ponto de comercialização de destaque, apontado pelas entrevistadas, foi a AGROUFAM. Isso ocorre devido à diversidade expressa da feira e do significativo público consumidor, esses motivos fazem com que a AGROUFAM seja uma centralidade da teia do artesanato da APA Maroaga, por isso o detalhamento da feira no Capítulo 3.

Portanto, pode-se inferir que as atividades artesanais são imprescindíveis na APA Maroaga, pois segundo relato das entrevistadas, o processo produtivo do artesanato é uma estratégia encontrada pelas mulheres

artesãs para se distrair dos seus problemas pessoais, além de ser uma forma relaxante de promover uma inflexão nas preocupações que assolam a vida na atualidade. Porém, um dos fatores considerados principais das atividades artesanais é a aproximação das mulheres artesãs e a imposição inconsciente do senso de coletividade e de comunidade.

## **CAPÍTULO III – A AGROUFAM COMO ESPAÇO DIALÓGICO E DE COMERCIALIZAÇÃO: ECOLOGIA DE SABERES E REPRODUÇÃO SOCIAL**

Este capítulo apresentará os benefícios alcançados e os entraves enfrentados no processo produtivo do artesanato a partir da percepção das artesãs da APA Maroaga, e elucidará a centralidade da teia do artesanato e seus desdobramentos. Nesse sentido, será detalhada a influência da AGROUFAM, que representa a centralidade da teia, para a reprodução social das famílias das artesãs.

### **3.1. Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade Ambiental: preceitos afirmativos da AGROUFAM na APA Maroaga**

O termo Sustentabilidade, muito discutido por ecologistas e agora por muitos pensadores, foi criado por Lester Brown, no início da década de 1980. Ele definiu o conceito de sociedade sustentável como aquela que é capaz de satisfazer suas necessidades sem comprometer as gerações futuras.

Mesmo que apresentando uma cultura integrada à natureza, o saber tradicional entra em confronto com as dimensões econômicas em uma discussão sobre o controle e acesso as informações genéticas, principalmente dos países do sul. Pesando nisso que na Declaração do Rio de Janeiro sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento sustentável (Rio 92), foi estabelecido que os Estados tivessem o direito soberano de explorar a sua biodiversidade de acordo com suas políticas de meio ambiente e de desenvolvimento, buscando o crescimento econômico e social, desde que, outras áreas não sejam prejudicadas. Nesse momento se instituiu o princípio do poluidor pagador, no qual os governos e instituições são responsáveis pelos danos ambientais que venham gerar ao seu território.

Diante desse cenário fica claro que cada comunidade tradicional pode implementar ou planejar projetos de etnoconhecimento. Segundo Souza (2002) esse conceito surgiu como contraponto crítico às teorias e ações unicamente desenvolvimentistas, que consideravam as sociedades indígenas e tradicionais como um bloqueio ao desenvolvimento e progresso. Estabelece que as comunidades sejam auto-gestoras, possuindo autonomia para promover o

desenvolvimento, estabelecendo suas necessidades econômicas e reivindicando os direitos políticos.

Para começarmos a pensar na vida do planeta torna-se necessário conhecer como a sociedade humana logra obter seus recursos para garantir sua sobrevivência. Para tanto, artigos são produzidos num sistema que, superficialmente, parece harmonioso: tem-se a extração de matéria prima, a produção de bens, a distribuição, o consumo e o tratamento dos resíduos. No entanto, esse sistema muitas vezes não funciona corretamente e ocasiona danos ao meio ambiente (ROEGEN, 1971).

Os seres humanos se relacionam e interagem em sociedade, através da cultura, da economia e do meio ambiente. São vidas que se chocam com seus limites. Faz-se necessário um pensamento que tente juntar e organizar os componentes biológicos, culturais, sociais e individuais da complexidade humana e injetar as contribuições científicas na antropologia, a partir de uma reflexão filosófica centrada no ser humano, no sentido do pensamento alemão do século XIX. Significa, ao mesmo tempo, reaprender a concepção de “homem genérico” do jovem Marx, que perpassa toda a sua obra, mas complexificando e aprofundando essa noção, à qual faltava o ser corporal, a psique, o nascimento, a morte, a juventude, a velhice, a mulher, o sexo, a agressão, o amor. Precisamos, nesse sentido, de uma abordagem existencial aberta à angústia, ao gozo, à dor, ao êxtase (MORIN, 2003).

Morin (2000) alerta que além desses saberes há a necessidade de integrarem-se os saberes que advêm das artes, uma vez que a literatura, a poesia e as artes não são apenas meios de expressão estética, mas também meios de conhecimento. Afirma que o animal da família dos *hominideos*, do gênero homem e da espécie *sapiens*, é um ser subjetivo, cujas relações com o mundo objetivo são sempre incertas. É sujeito ao erro e produz desordem. É um ser que carrega em si um lado de loucura, ilusão, confusão, o qual representa seu lado *demens*. A expressão *homo sapiens*, que representa o homem racional, deve ser aplicada com restrições, porque o *homo* é também *demens*. Entre *sapiens* e *demens* não existe fronteira. Os sentimentos e as emoções são necessários à racionalidade e ao conhecimento. São possuídos pelas ideias e pela cultura na qual estão integrados e inseridos,

fenômeno a que chama de Noosfera, e agem automaticamente na forma de um semi-sonambulismo, quando não nos apercebemos da ação das ideias sobre nós.

Outro conceito que entra em destaque nesse processo de transformação é o conceito de identidade, a partir das relações sociais. As sociedades modernas mudam com muita rapidez e de forma contínua, o que torna difícil a avaliação e a compreensão das mesmas mediante tantas mudanças e transformações (HALL, 2004).

De acordo com Kurt (2004) as novas relações contemporâneas como a que conecta arte e sustentabilidade se desenvolvem de forma dinâmica, abrupta e, muitas vezes, com certa dramaticidade. Embora tal diálogo ainda seja incipiente na percepção do público geral, ele se intensificou nos últimos tempos, ganhou amplitude, se diferenciou e conquistou alcance global. Paralelamente a esse fenômeno, surgiram grandes problemas de compreensão sobre essa relação, tão complexos e às vezes tão sérios, que a existência de intercâmbio construtivo para ambas as partes ainda causa surpresa.

Nesse sentido, emerge a discussão sobre a sustentabilidade, que, sendo um conceito polissêmico, apresenta dualidades de interpretações e conceituações, que acaba por mistificar sua essencialidade. Modificar a economia e engloba-la como um subsistema do ecossistema torna-se o grande desafio na modernidade, em meio ao crescente avanço tecnológico (CAVALCANTE, 2012).

A des-re-materialização dos fenômenos transversais vai influenciar de forma inteligível nas mudanças que as sociedades vêm sofrendo, dando-lhes uma nova estrutura, que vai além da ordem e da coesão social, reordenando os elementos societários mais marcantes na coetaneidade das sociedades e da sustentabilidade ambiental (NASCIMENTO, 2014).

O reconhecimento de que o planeta está passando por uma série de crises ambientais é fator fundamental para o homem pensar e trabalhar nas possibilidades de amenizar os danos ambientais e tentar sair da crise com o mínimo de perdas e alterações possíveis. Leff (2005) afirma que a crise

ambiental é a crise do mundo contemporâneo, e que o risco ecológico questiona o conhecimento do mundo.

Os primeiros indícios identificados como crise ambiental ocorreram na década de 50, quando pela primeira vez a humanidade percebe a existência de um risco ambiental global – a poluição nuclear, e que alguns recursos naturais teriam um curto prazo de duração. Outro momento dessa percepção global se deu em setembro de 1962, quando a bióloga marinha americana Rachel Carlson lançou seu histórico livro *Primavera Silenciosa*<sup>4</sup>, no qual denunciava os efeitos negativos do uso de pesticidas químicos. Nesse período, as indústrias químicas de inseticidas e de outros derivados sintéticos podiam lançar no meio ambiente o que bem entendessem, sem testes cientificamente projetados para analisar os riscos dessas substâncias e sem leis reguladoras que as impedissem, pois não existia nos EUA uma agência de proteção ambiental (NASCIMENTO, 2012).

Nesse sentido, o desenvolvimento sustentável se apresenta como uma das propostas para, a partir do reconhecimento da crise, criar alternativas que possibilite uma vida de qualidade, com menos desigualdades com a valorização do ambiente em que se vive. A discussão sobre o desenvolvimento sustentável abre espaço para pensarmos o desenvolvimento em três dimensões: a ambiental, onde o consumo não deve sobrepor-se à base material pelo risco do esgotamento de matérias-primas; a econômica, com utilização de tecnologias que evitem a dependência do ciclo de energia fóssil; e a social, onde o ideal seria uma sociedade com forte justiça social, onde todos possam ter uma vida digna sem excesso de consumo (SACHS, 1986).

A importação do modelo de desenvolvimento de países industrializados para os países em desenvolvimento é muito criticada por Sachs (1986), o autor denomina este processo de imitativo ou mimético. Os custos ambientais para esses países são muito prejudiciais à natureza e conseqüentemente as atuais e futuras gerações, gerando o aumento das diferenças sociais, dependência cultural, males estruturais e danos ambientais em função da exploração sem controle de seus recursos e patrimônio natural.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://avozdaprimavera.blogspot.com.br/2014/03/primavera-silenciosa-livro-gratis.html>>. Acesso em: 22 set. 2015.

Para que isso aconteça se faz necessário o equilíbrio social. Segundo Brundtland (1991), a pobreza é uma das principais causas e um dos principais efeitos dos problemas ambientais do mundo e torna-se inútil abordar os problemas ambientais sem uma perspectiva que englobe os fatores subjacentes à pobreza mundial e à desigualdade internacional. A sustentabilidade se apresenta como a possibilidade de causar menos danos ambientais e preocupa-se mais com a questão social, à medida que a dimensão social procura uma forma de equilibrar a condição social.

A degradação do meio ambiente resultará na degradação da qualidade de vida dos seres humanos, sem garantias de um futuro promissor para as próximas gerações. A formulação de políticas macroeconômicas com perspectiva ambiental, que visem balancear as relações de investimento e consumo, buscar novas fontes de energia, incentivar a reutilização e a reciclagem, reduzir a jornada de trabalho, disponibilizar maior investimento público, poderá constituir-se em uma alternativa possível para reverter o quadro de degradação ambiental atual e futura (DALY, 1996).

Novos enfoques são requeridos à educação profissional, entre eles, o da visão pontual, limitada e fragmentada na direção do pensamento sistêmico, integrador, globalizante e relacional. O momento histórico demanda que, com visão crítica e pensamento sistêmico multidisciplinar e transdisciplinar. Para pensarmos no trabalho como forma de subsistência nessa nova compreensão de mundo, imbuído do conceito de sustentabilidade, na tentativa de conviver harmonicamente num ambiente capaz de atender as demandas de nossa geração e das futuras, devemos ser capazes de conduzir o processo formativo ligado com tais realidades.

O ser humano, ao longo do processo histórico, foi adquirindo uma postura antropocêntrica, segundo a qual todas as outras partes do ambiente estão ao seu dispor. Na realidade assim posta, a natureza é vista apenas como fonte de recursos. Grün (2009) afirma que, nos sistemas de valores formados em consonância com essa ética, o homem é o centro de todas as coisas e tudo o mais no mundo existe unicamente em função dele. O homem é o centro do mundo.

Buscado uma nova abordagem no mundo do trabalho procuramos observar a forma como as mulheres produtoras de artesanato APA Maroaga percebem o ambiente ao seu redor e como se relacionam com esse ambiente para produzir e comercializar o artesanato.

Através da coleta de dados dessa pesquisa, verificou-se que o cipó é fundamental para as quatro famílias artesãs habitantes da APA Maroaga. Isto porque as referidas famílias sobrevivem também do artesanato elaborado a partir dos cipós, entretanto a escassez acaba prejudicando a produção artesanal, necessitando de um planejamento e de uma elaboração de planos de manejo sustentável para esses recursos naturais.

O primeiro ponto a ser colocado é que a produção do artesanato depende da demanda dos produtos (pedidos de compra). Faz parte do processo, o manejo sustentável dos recursos naturais, é preciso trabalhar as espécies para perpetuar sua existência além de manter um estoque de produtos florestais não madeireiros para uma contínua produção. Depois da coleta a matéria-prima é transportada para a comunidade.

Nesse sentido, a comunidade aqui representada pelas mulheres artesãs, através da percepção ambiental que pode ser definida como a forma através da qual o homem estabelece uma conexão com a natureza, inserindo-se no ambiente, a partir de uma interatividade com o universo ao qual está ligado utilizando-se de uma linguagem própria (FAGGIONATO, 2005). Esse conhecimento adquirido por esta relação entre o homem e a natureza e na interação com o outro, denominado de processo de aprendizagem social é o fator determinante da cultura de uma sociedade (MATURANA e VARELA 1987).

Através da capacidade cognitiva das artesãs e dos seus sentidos naturais procura conhecer o mundo que o rodeia e sua circunstância. Neste sentido, segundo Noda, o homem baseia-se, para realizar uma leitura do mundo de vários aspectos formadores da sociedade em que vive como: o conjunto das crenças religiosas, os escritos sobre os sentimentos e as motivações pessoais, as normas e procedimentos racional – especulativos

oriundos dos escritos filosóficos e as informações virtuais que proporcionam conhecimentos do mundo.

Para atingir esse conhecimento é necessária a observação de práticas estabelecidas segundo um padrão de repetição cotidiana que permita a sobrevivência humana, sendo a principal o trabalho, como método de desenvolvimento do conhecimento humano (NODA, 2015). O trabalho permite ao homem conhecer a natureza de forma muito específica, para desenvolver o trabalho há necessidade de compreender progressivamente os fenômenos da natureza suas propriedades, suas leis, suas relações. Convertendo essa relação em si e para si, trocando experiências com outros homens. Esta troca de experiência gera outras atividades como a política, a arte, a ciências, a religião.

A história tem nos mostrado que o homem foi adquirindo uma postura antropocêntrica, segundo a qual todas as outras partes do ambiente estão ao seu dispor. A natureza passa a ser uma fonte inesgotável de recursos e está a disposição, podendo retirar todos os recursos sem a preocupação com as gerações futuras. Grün (2009) afirma que, nos sistemas de valores formados em consonância com essa ética, o homem é o centro de todas as coisas e tudo o mais no mundo existe unicamente em função dele. O homem é o centro do mundo.

Devido a essa forma de relacionar-se com o ambiente as questões relacionadas ao meio ambiental é um dos temas mais estratégicos nos compromissos e tratados internacionais, promovidos por agências intergovernamentais, como as que integram a ONU – Organização das Nações Unidas, pois o modelo de desenvolvimento estabelecido a partir da Revolução Industrial gerou aumento quantitativo e qualitativo no processo de destruição da natureza (BRASIL, 2001).

A humanidade desperta, a partir das preocupações apregoadas pelos cientistas e pesquisadores ambientais, para a possibilidades da finitude dos recursos naturais, uma preocupação social pelos problemas ambientais. Se lembrarmos também que são os comportamentos das pessoas que agravam (e provocam) os "problemas ambientais" e que as alterações ambientais, por sua

vez, irão interferir na qualidade de vida dessas mesmas pessoas, concluiremos que tais problemas são, na verdade, “problemas da humanidade” (CORRALIZA,1997).

A forma como o homem se relaciona com a natureza estão, segundo Rosa e Silva (2002), intrinsecamente relacionadas à bagagem cultural transmitida pelos seus descendentes, considerando-se ainda as influências e as ideologias da sociedade.

Para desenvolvermos uma consciência ambiental, no sentido de promover a educação ambiental mais concreta precisamos conhecer a visão que o outro tem tanto do seu lugar quanto do espaço (MARQUES, 1993). A análise da percepção ambiental que trabalhamos centrou-se no olhar das mulheres acerca da produção do artesanato.

Segundo Fernandes et al. (2006), a percepção ambiental pode ser utilizada como instrumento de pré-diagnóstico do conhecimento ambiental de comunidades para as quais se pretende oferecer programas de educação ambiental, evitando, como muitas vezes ocorre, oferecer um programa sem plena aderência às reais expectativas dos participantes ou de suas verdadeiras necessidades.

Há necessidade de cuidados no manejo das palhas e cipós para não atingir a palmeira, de forma que a mesma possa se reconstituir sem prejuízos para o meio ambiente. Além disso, têm-se o cuidado quando da retirada da matéria prima de não atingir algumas plantas que são dependentes das palmeiras como é o caso das orquídeas e das samambaias.

Entretanto, a retirada da matéria prima está ligada diretamente ao desmatamento, devido ao aumento populacional e espacial da comunidade. Com o tempo, o grupo começou a desenvolver técnicas para tecer as fibras, introduzindo novas matérias primas, como o compensado para fazer o fundo das cestas, as tintas para tingir o cipó e os tipos de cipó o ambé, tala de arumã e o cipó titica.

Ao atingir uma quantidade considerável de cestos por mulheres, houve a necessidade de articular a comercialização do material. Houve a necessidade de buscar um mercado para expandir a venda dos produtos. Dessa forma, as mulheres artesãs da APA Maroaga foram convidadas para expor na AGROUFAM, e em março de 2015, iniciaram o processo de comercialização no espaço da feira.

Nesse sentido, uma das estratégias que vêm emergindo atualmente, em resposta às essas questões ambientais, trabalhadas anteriormente no início do Capítulo 3, é o estímulo ao artesanato sustentável, com respeito às relações de trabalho e às legislações ambientais configuram-se, portanto, como alternativa para a promoção do desenvolvimento local, à medida que possibilita a inserção, assim como a reinserção, de áreas “estagnadas”, o resgate da cidadania e a autoestima dos chamados “excluídos” (SACHS, 1986). A partir dessa contextualização histórica e conceitual tornou-se possível compreender a gênese científica e social da centralidade da teia do artesanato da APA Maroaga, que é a AGROUFAM.

A Feira da Produção Familiar, AGROUFAM, é um espaço de comercialização e de valorização dos produtos regionais, é desenvolvida na primeira quinta e sexta-feira do mês corrente, pelo Núcleo de Socioeconomia (NUSEC) da UFAM, sendo então uma feira mensal. A gênese desse espaço dialógico visava aumentar a renda mensal das famílias agricultoras, promover a sustentabilidade ambiental das comunidades rurais, criar espaços de comercialização para o artesanato, assegurar a segurança e soberania alimentar, valorizar os produtos da Amazônia, apoiar as práticas agroecológicas de produção, e incentivar a transição agroecológica.

A feira é uma expressão do real amazônico, logo, contempla em seu espaço produtos oriundos da agricultura agroecológica e da agricultura convencional. A opção em expor esses dois processos de produção centra-se em um dos objetivos elencados na gênese do projeto da AGROUFAM, que é a ampliação das práticas agroecológicas e o incentivo à transição de uma agricultura convencional para uma agricultura centrada em princípios agroecológicos.

A AGROUFAM objetiva também sensibilizar a população manauara, principalmente a comunidade acadêmica da UFAM, à conhecer e adquirir os produtos da agricultura familiar das comunidades rurais amazônicas. Atualmente, a feira abrange 10 municípios do Amazonas: Careiro Castanho, Iranduba, Manaus, Anori, Autazes, Careiro da Várzea, Maués, Rio Preto da Eva, e Presidente Figueiredo. Antes da materialização da feira, foram realizados diagnósticos participativos nos dez municípios supracitados, visando à compreensão dos principais entraves enfrentados pelos agricultores e artesãos do Amazonas, nos diversos territórios. Uma das dificuldades elencadas foi a escassez de espaços destinados à comercialização dos artesanatos, por isso a organização espacial da feira também para esses fins.

Dessa forma, pode-se observar que a AGROUFAM foi criada e construída em preceitos construtivistas e participativos, devido à importância reconhecida da práxis pelos gestores que o constituíram e a consolidaram. Por isso, a feira é um espaço de interação social que valoriza profundamente o etnoconhecimento das variadas espacialidades do estado do Amazonas. Entretanto, desde a consolidação da feira houveram alguns entraves enfrentados no seu desenvolvimento, como dificuldades na constituição das organizações sociais formais. A partir da identificação dos entraves, os gestores corroboraram, junto aos protagonistas da feira, a realização de reuniões mensais, para analisar de maneira participativa as dificuldades enfrentadas e os benefícios alcançados.

Nesse sentido, uma das unidades territoriais analisadas que apontaram a necessidade de criação de espaços de comercialização para o artesanato foi a APA Maroaga. A partir da identificação desse entrave, a AGROUFAM convidou as mulheres artesãs desta Unidade de Conservação (UC) para a exposição e comercialização dos seus artesanatos no espaço da universidade, evidenciando a importância da extensão universitária. Segundo o relato das artesãs, a AGROUFAM é o principal espaço de comercialização do artesanato, visto a escassez de espaços produzidos para esse fim.

“ [...] se a feira acabasse perderíamos mais uma fonte de renda, eu por exemplo não tenho renda fixa, tudo que eu ganho é o que produzo, nos dois dias da AGROUFAM a gente faz de duzentos a quatrocentos reais e isso é uma

grande ajuda para nós (Entrevistada 1, M. A. S., 56 anos).

A partir da percepção da entrevistada, percebe-se a importância da AGROUFAM no incremento da renda familiar. Além das artesãs da APA Maroaga, outras artesãs destacam a melhoria da renda a partir da exposição de seus artesanatos na Feira. Os dados representados no Gráfico 1 refletem a imprescindibilidade da AGROUFAM para o setor do artesanato, com a evidência do faturamento nos dois últimos anos.

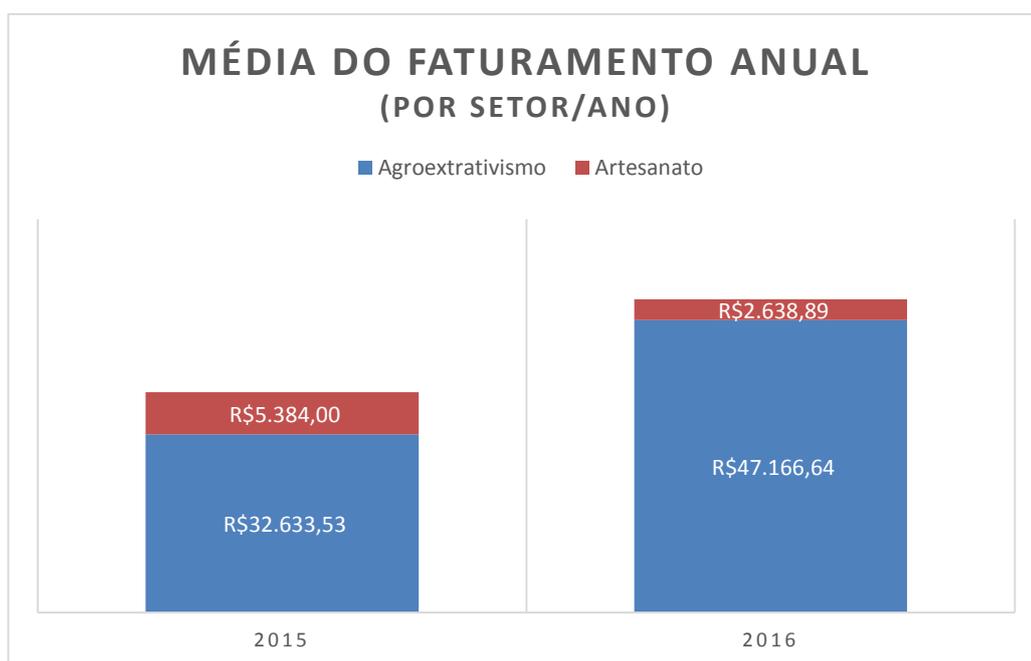


Gráfico 1 – Média do faturamento anual do artesanato na AGROUFAM. Fonte: NUSEC, 2017

Apesar das dificuldades na comercialização do artesanato, a AGROUFAM ainda representa o melhor espaço comercial, evidenciado pelas mulheres da APA Maroaga. Em 2015, o faturamento médio anual do artesanato foi de R\$ 5.384,00, enquanto que em 2016 houve uma diminuição no faturamento, sendo a média anual de R\$2.638,00. As entrevistadas apontaram que esse decréscimo justifica-se pela entrada de novas artesãs na feira e pela diminuição na diversificação do artesanato.

“A vinda para a feira AGROUFAM significou que os produtos, antes pouco vendidos, agora tem uma maneira de ser vendidos para as pessoas que valorizam o nosso trabalho. Eu consigo pagar os produtos que eu compro no mercadinho, quando meu filho precisa de uma roupa

eu tenho dinheiro para comprar” (Entrevistada 1, M. A. S., 56 anos).

O relato da entrevistada demonstra que a AGROUFAM tem auxiliado de forma profícua na reprodução social das famílias envolvidas com o artesanato. No total, as quatro artesãs da UC expõem e comercializam seus produtos na feira, em barracas montadas no hall da FCA, na UFAM (Figura 13).



Figura 13: Barraca da APA Maroaga na AGROUFAM. Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

No período de março a novembro de 2015, a evolução do faturamento passou por algumas transformações: um declínio de abril a agosto, um acréscimo no faturamento de setembro, um declínio em outubro, seguido de um acréscimo em novembro. O declínio nos meses anteriormente descritos justifica-se pela redução do público consumidor/visitante nos meses indicados, enquanto que a evolução justifica-se pelo aumento do público consumidor/visitante devido à realização de eventos nacionais e internacionais nas dependências da UFAM, fazendo com que os estudantes/professores de outros estados e países conhecessem e comprassem os artesanatos da feira (Gráfico 2).

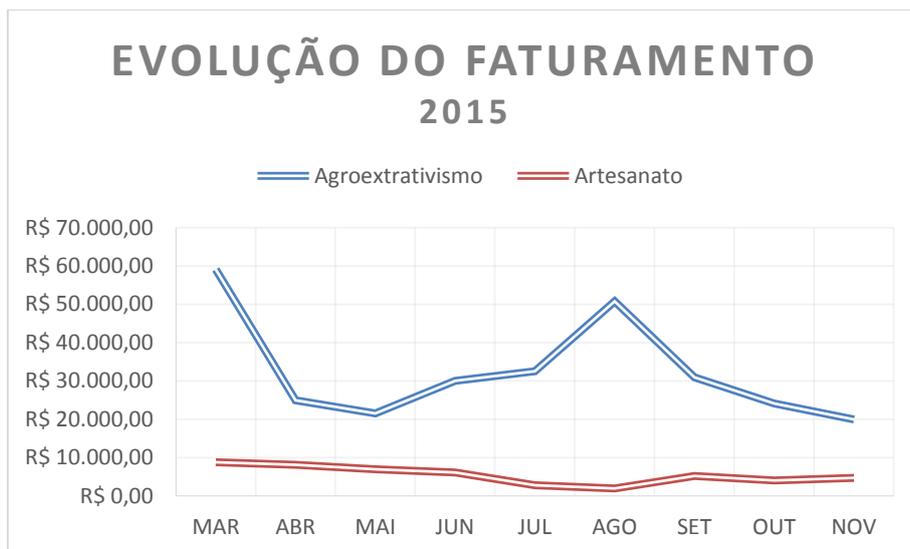


Gráfico 2: Evolução do faturamento em 2015. Fonte: NUSEC, 2016

Apesar da flutuação do faturamento em 2015, as artesãs destacam que com a feira conseguem inúmeras realizações pessoais, que vão desde a compra de eletrodomésticos para a família até a construção de laços afetivos entre as mulheres da APA Maroaga e entre as demais artesãs da AGROUFAM. Durante as entrevistas, as artesãs da área em estudo destacaram que, por meio da feira, conseguiriam liberdade e autonomia para expor os frutos do trabalho coletivo.

“Na AGROUFAM o nosso artesanato é valorizado, às vezes a gente pega encomendas grandes de mais de cem cestas, como no período da Festa do Cupuaçu. Nós não trabalhamos juntas, nem no mesmo horário, cada uma faz seus produtos na sua casa de acordo com a disponibilidade de tempo, porque também trabalhamos na agricultura e ainda fazemos as coisas da casa” (Entrevistada 3, I. A. S., 77 anos).

Conforme está destacado na entrevista acima, além da geração de renda, a AGROUFAM promove a valorização dos produtos das artesãs da APA Maroaga e acentua o espírito coletivo de solidariedade entre as mulheres, fortalecendo a organização social. O ano de 2016 também apresentou flutuações no faturamento do artesanato (Gráfico 3), com picos de faturamento nos meses de março e novembro, e com declínios nos meses de maio, julho, agosto e outubro.

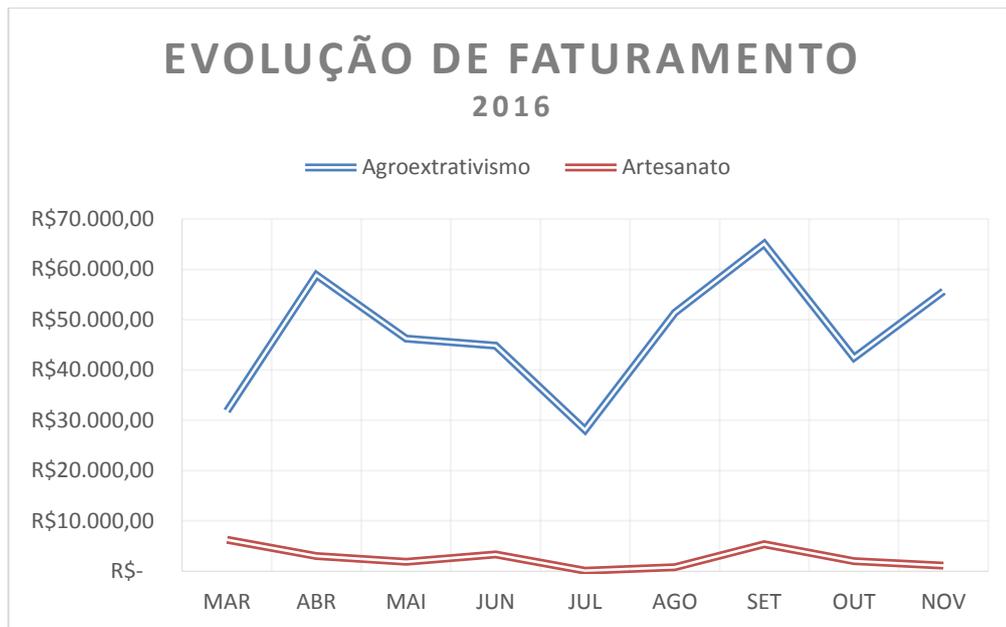


Gráfico 3: Evolução do faturamento em 2016. Fonte: NUSEC, 2017.

Os motivos de acréscimo e decréscimo de faturamento no ano de 2016 justifica-se pelos mesmos motivos do ano anterior. Reconhecendo esses fatores limitantes da comercialização do artesanato, os gestores da feira, em reunião com os agricultores e artesãos, resolveram buscar estratégias para inovar na produção artesanal e buscar elementos externos visando o aumento do fluxo de consumidores e visitantes da feira. Uma das estratégias listadas foi a necessidade de criação de uma organização social formal que auxiliasse na resolução dos problemas que assolam o desenvolvimento do artesanato e dos produtos advindos da agricultura familiar.

Surge assim a Rede de Comercialização Solidária dos Povos e Comunidades Tradicionais e Agricultores Familiares do Estado do Amazonas (Rede Poranga). A Rede Poranga surgiu objetivando a consolidação de um espaço de diálogo, discussão, articulação, representação e troca de saberes para empreendimentos econômicos e grupos informais. Além disso, esta rede busca assessorar os grupos informais na criação de espaços permanentes de comercialização e na promoção de feiras em diferentes escalas.

Pode-se inferir, com base na análise dos dados e das entrevistas, que há inúmeros benefícios da produção do artesanato na APA Maroaga, porém, existem alguns desafios que precisam ser superados para que haja incremento na renda das famílias das mulheres artesãs, conforme descrevemos no

decorrer deste capítulo. O quadro abaixo mostra os principais entraves listados pelas artesãs (Quadro 2) da APA Maroaga.

Quadro 2: Entraves enfrentados pelas artesãs da APA Maroaga

<b>ENTRAVES</b>
Necessidade de cursos relacionados ao manejo do cipó e à confecção de novos artesanatos
Dificuldades na obtenção de financiamento para a produção
Escasso apoio do governo estadual
Dificuldades no transporte do artesanato
Dificuldades na coleta do cipó
Problemas advindos do desflorestamento / Escassez de matéria-prima

O principal entrave apontado pelas artesãs é a escassez da matéria-prima necessária para a produção do artesanato, seguido das dificuldades na coleta do cipó e no transporte dos produtos. Foram apontados também como entraves a necessidade da realização de cursos relacionados ao manejo do cipó e à criação de novos artesanatos, o escasso apoio governamental e as dificuldades na obtenção de financiamento para a produção. O relato a seguir destaca os pontos elencados no quadro 1:

“Para que o artesanato fosse o nosso único meio de sobreviver a gente precisava ter mais incentivo por parte dos governantes para comprar material tipo: tinta, verniz, compensado, entre outras coisas, maior divulgação. A gente precisa de cursos sobre a utilização do cipó e de outros tipos de artesanato, como o que é feito da palha da bananeira” (Entrevistada 1, M. A. S., 56 anos).

Esses foram os principais entraves identificados no processo produtivo do artesanato da APA Maroaga, entretanto, apesar das dificuldades enfrentadas, as artesãs descreveram vários benefícios que obtiveram com a produção artesanal (Quadro 3). O principal ponto positivo apontado foi a inserção do artesanato na AGROUFAM, que atualmente é o principal espaço de comercialização.

Quadro 3: Benefícios do artesanato para as artesãs da APA Maroaga

<b>BENEFÍCIOS</b>
Aumento da renda familiar
A AGROUFAM aumentou o número de encomendas
Possibilidade da compra de eletrodomésticos
Auxílio financeiro para o financiamento da escola dos filhos
Terapia na confecção dos artesanatos
Fuga dos problemas cotidianos

Dentre os benefícios descritos pelas artesãs estão o aumento da renda familiar, o aumento do número de encomendas a partir da AGROUFAM, a possibilidade de adquirir eletrodomésticos necessários, o auxílio financeiro para apoiar os investimentos escolares dos filhos, a terapia na confecção dos artesanatos, e a fuga dos problemas cotidianos. As artesãs apontaram que a AGROUFAM possibilita o fortalecimento dos laços afetivos entre os grupos, sendo um instrumento importante de organização social.

“O artesanato vem para melhorar a nossa renda é algo que quando a gente precisa a gente vai, faz e consegue vender, e assim eu tenho uma renda para ajudar a minha família” (Entrevistada 2, A. C. R. S., 54 anos).

Nesse sentido, com base nos dados do quadro e no relato das entrevistas, pode-se observar que, por mais que não seja o artesanato a principal fonte de renda, essa atividade exerce significativa importância na reprodução social das artesãs da APA Maroaga, pois além de ser um produto concreto, o artesanato é a materialização da subjetividade de cada mulher, no âmbito individual, e de um grupo social, em uma escala mais abrangente. Reconhecendo a importância desse aspecto simbólico, destaca-se o relato a seguir:

”A AGROUFAM foi importante pra gente porque veio mostrar o quanto é valoroso é o ambiente em torno da comunidade que a gente vive, mostrando a importância da nossa tradição. Com a feira a gente pode mostrar para os alunos e professores da UFAM o resultado do

nosso produto, que é motivo de orgulho para a nossa comunidade. A comunidade precisa apenas produzir, porque tudo a natureza nos dá sem muito cobrar, a gente precisa apenas cuidar para que ela permaneça lá, sem ser destruída” (Entrevistada 4, I. A. S., 54 anos).

Portanto, pode-se observar, por meio da análise dos dados e do relato acima, que a AGROUFAM representa uma centralidade no que se refere à teia do artesanato na APA Maroaga. E o artesanato, a partir da exposição na AGROUFAM, tem transformado a vida das artesãs, por meio do aumento da renda, da imersão da subjetividade na confecção dos cestos, e do fortalecimento da organização social pautada no trabalho coletivo e participativo das mulheres da APA Maroaga.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa elucidou as lacunas existentes acerca dos aspectos subjetivos e objetivos do processo produtivo do artesanato na APA Maroaga. Toda e qualquer pesquisa deve possuir cunho social, ou seja, deve produzir conhecimento para a transformação da sociedade. Nesse sentido, inúmeros são os desdobramentos dessa pesquisa, como incremento bibliográfico e empírico do tema, aprofundamento teórico das categorias de análise e suporte técnico para a proposição de possíveis políticas públicas, a *posteriori*. A identificação dos benefícios visava a compreensão dos elementos positivos do artesanato para a afirmação e manutenção, enquanto que a identificação dos entraves objetivava o entendimento profundo das raízes dos problemas.

Os resultados da pesquisa indicam que a teia do artesanato da APA Maroaga centra-se na AGROUFAM, devido à importância veemente da feira na exposição e comercialização dos produtos. Por isso, a centralidade da teia materializa-se no espaço dialógico pautado em preceitos construtivistas e participativos, sendo assim, o artesanato expressa, em sua concretude, uma variedade de elementos simbólicos, que são valorizados pelo principal espaço de comercialização, a AGROUFAM.

É por meio, principalmente, do artesanato que a tradição se perpetua na APA Maroaga, devido ao engendramento das diferentes subjetividades que se formaram durante o transcorrer histórico da atual comunidade. Desta forma, as tradições se transformam e coadunam na construção de novas tradições, que conservam antigos elementos e incorporam novos aspectos. Assim, o artesanato desempenha um papel imprescindível na construção e corroboração de simbologias características da APA Maroaga.

Portanto, esta pesquisa contribuirá para a formulação e para o desenvolvimento de outros projetos centrados na temática do artesanato nas ciências ambientais. Além disso, fornecerá aos órgãos públicos responsáveis um significativo material empírico para a posterior formulação de políticas públicas visando o desenvolvimento local da APA Maroaga.

## REFERÊNCIAS

- AGROUFAM. **QuemSomos**, 2014. Disponível em:  
<<https://agroufam.wordpress.com/quem-somos/>>. Acesso em: 10 de dez. 2015.
- BACZKO, Bromslaw. **Lesimaginaires sociaux, memoires e esopirs collectives**. Paris: Payot, 1984.
- BARROS, Luiz Antonio dos Santos. **Design e artesanato: as trocas possíveis**. Orientador: Cláudio Freitas de Magalhães. – 2006.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERNA, Vilmar. **Política ambiental**. TecHoje, dez 2015. IETEC - Instituto de Educação Tecnológica. Disponível em:  
<<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/artigo.pdf>>. Acesso em: 16 de dez. 2014.
- BLOCH, Marc. **La société féodale** (1939). Editions Albin Michel, Paris. Tradução de Manuel Lourenço Godinho. Revisão de Edições 70. 1987.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Seção 1, p. 1. Disponível em:  
<<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=322>>. Acesso em: 2 dez. 2015.
- BRUNDTLAND, Gro. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- BUZAN, Tony. **Mapas mentais**. Tradução Paulo Polzonoff. Gráfica e Editora LTDA, Rio de Janeiro. 2009.

Campbell, P.; Uhl, C.; Oliveira, F. de A. (2003). **The ecology and harvest potential of titica vine roots (Heteropsis flexuosa: Araceae) in the Eastern Brazilian Amazon**. Forest Ecology and Management, 182, 59–73.

CAPRA, Fritjof; **A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CARVALHO, Mônica. **Artesanato Sustentável: natureza design e arte**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2014.

CAVALCANTE, Clóvis. Sustentabilidade: mantra ou escolha moral? Uma abordagem ecológico-econômica. **Revista Estudos Avançados**, vol.26, n.74. São Paulo, 2012.

CONNERTON. Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta Editora, 1993.

CORRALIZA, J. A.” **La Psicología Ambiental y los problemas medioambientales. Papeles del psicólogo**”. Revista del Colegio Oficial de Psicólogos, Espanha (67): 26-30, 1997

CUNHA, Eduardo. **Pensando a sustentabilidade a partir da ecofilosofia e da economia solidária**. Revista NAU Social, v.3, n.5, p. 201-233. 2012.

DIEGUES, A. **O mitomoderno da natureza intocada**. 4ª Edição São Paulo: Annablume, 2002.

DALY, H. **Beyond growth: the economics of sustainable development**. Boston: Beacon Press, 1996.

Diegues, Antônio Carlos e Arruda, Rinaldo S. V. (org.). **Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 1999.

DINIZ, Eli. **Governabilidade, democracia e reforma do Estado: os desafios da construção de uma nova ordem no Brasil dos anos 90**. In: DADOS – Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, 1995. p. 385-415.

FAGGIONATO, S. Percepção ambiental. Disponível em: <[http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m\\_a\\_txt4.html](http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html)>. Acesso em: 20 set. 2005.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Ecoturismo e Desenvolvimento Sustentável. Alternativa de desenvolvimento para a Amazônia?** In:

FIGUEIREDO, Silvio Lima (Org.). **O Ecoturismo e a Questão Ambiental na Amazônia.** Belém: Ed. NAEA/UFPA, 1999b. p. 75-126.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Ecoturismo, Festas e Rituais na Amazônia.** Belém: Ed. NAEA/UFPA, 1999. 207 p.

FIGUEIREDO, S. Lima, PEREIRA, Edithe, **Gestão do Patrimônio Arqueológico para o Turismo, Análise dos Sítios de Arte Rupestre de Monte Alegre e Serra das Andorinhas/Brasil,** Congresso Internacional da IFRAO 2009 – Piauí / BRASIL.

FRANÇA, Aline da Silva; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **A representação do etnoconhecimento sob a ótica da epistemologia interativa.** In: Anais do XVI ENANCIP. João Pessoa, 2015.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente (1948).** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FRAXE, Therezinha. **Cultura cabocla ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade.** São Paulo: Annablume, 2004.

FROTA, Lígia Coelho. **Artesanato: tradição e modernidade em pais em transformação.** In: VELHO, Gilberto et al. Cultura material: identidades e processos sociais. Rio de Janeiro: Funarte: CNFCP, 2000. p. 23-45.

FULLER, Grace. **What does the term 'ethnography' mean to you?** Eagan: Quirk's Marketing Research Review, fev.2008.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia,** São Paulo, Editora Contexto, 2003.

GAUER, Gustavo; GOMES, William. **A experiência de recordar em estudos da memória autobiográfica: aspectos fenomenais e cognitivos.** Memorandum, 2006.

GEERTZ, Clifford. **O senso comum como um sistema cultural**. In: **GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 111- 141.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**, tradução Cristina de Assis Serra – Rio de Janeiro; LTC, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HENDERSON, William. **A Revolução industrial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

HOPPEN, Norberto; LAPOINTE, Liette; MOREAU, Eliane. **Um guia para a avaliação de artigos de pesquisas em sistemas de informações**. Read: revista eletrônica de administração. Porto Alegre. Edição 3, vol. 2, n. 2. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/19397>>. Acesso em: 15ago. 2015.

HUBERMAN, Leo, **História da Riqueza do Homem**, Editora Zahar, SP, 1981.

KURT, Hildegard. **An esthetics of sustainability**. In: **An esthetics of ecology: artin environmental design, theory and practice**. Heike Strelow & Vera David (Eds.), Basel, Berlin, & Boston: Birkhäuser. 2004.

LEFF, Enrique. **Globalización económica y capitalización de la naturaleza**. Siglo XXI. México, 2005.

LEFF, E. 1986 **Ecología y Capital**. UNAM. México D.F.

LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval**. Ed. Estampa. Lisboa, Portugal: 1998.

\_\_\_\_\_. **Ecología y capital**. UNAM. México D.F. 1986.

LOPEZ, **A Revolução Comercial da Idade Média 950-1350**. Lisboa (Portugal): Editora Presença, 1980.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas, SP: Psy II, 1995.

MARTIN, Gary. *Ethno botany: a methods manual*. London, Chapman & Hall, 268p, 1995.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. **A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD**. In: Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Salvador, 2007.

MORIN, Edgar. **Cultura e barbárie europeias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_. **O método 5: A humanidade da humanidade. A identidade humana**. Trad. Juremir Machado da Silva. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo : Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOUCO, Iuçana. **Design aplicado ao artesanato, uma ferramenta para a sustentabilidade**: um estudo de caso sobre a Comunidade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Acajatuba. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia)–Universidade Federal do Amazonas, Amazonas. 2010.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. Os limites do crescimento econômico e a busca pela sustentabilidade: uma introdução ao debate. In: LÉNA, Philippe; LÉNA, Philippe (Org.). **Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 23-54.

\_\_\_\_\_. Coetaneidade e transversalidade na sociedade atual: um exercício de distinção. In: CASTRO, Vanessa M. e WEHRMANN, Magda E. S. **Esquina da Sustentabilidade, um laboratório da biocivilização**. Brasília, Editora da UNB, 2014, pp.167-194.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Editora Vozes. RJ. 187p. 1977.

PALAZUELOS, José M. P. **Organizador, Artesanato Kaingang e Guarani** – São Leopoldo: Oikos, 2012.

- PAZ, Octavio. **Itinerário**. México: Fondo de Cultura Económico, 1994.
- PINHO, M. S. M. de. **Produtos artesanais e mercado turístico**. In: **MURTA, S. M.; ALBANO, C. Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasília, 2002. p. 169-189
- PIRENNE, Henri. **História Econômica e Social da Idade Média**. 4ª ed. – São Paulo: Mestre Jou, 1968.
- PORRO, Antônio. **O povo das águas: ensaio de etno-história amazônica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- RIBEIRO, Berta. **A arte indígena, linguagem visual**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- ROCHA, Everardo; BARROS, Carla; PEREIRA, Claudia. **Perspectivas do método etnográfico em marketing: consumo, comunicação e netografia**. 2005. Disponível em: <[anpad.org.br/enanpad/2005/dwn/enanpad2005-mkta-286\\_1.pdf](http://anpad.org.br/enanpad/2005/dwn/enanpad2005-mkta-286_1.pdf)>. Acesso em: 23 nov. 2015.
- ROCHA, Ana; ECKERT Cornélia. **Etnografia: saberes e práticas**. In: PINTO, Céli;GUAZZELL, César. Pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.
- ROEGEN, Nichoias Georgescu. **The Entropy Law and the economic process**.Cambridge MA: Harvard University Press, 1971.
- ROSA, L.G.; SILVA, M.M.P. **Percepção Ambiental de Educandos de uma Escola do Ensino Fundamental**. In: SIMPÓSIO ÍTALO BRASILEIRO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL, 6, 2002, Vitória. Anais do V Simpósio Ítalo Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental. Rio de Janeiro: ABES, 2002. p. 1-5.
- SACHS, Ignacy. **Espaços, tempos e estratégias do desenvolvimento**.São Paulo: Vértice. 1986.
- SCHMITT, Jean-Claude. O surgimento das cidades medievais. In. IHU em revista.

<http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1159905614.4pdf.pdf>,  
acesso em 01/10/2016.

SCHMIDT, Dora. **Historiar**: fazendo, contando e narrando a História. 7ª série.  
São Paulo: Scipione, 2002.

SEBRAE. **Programa Sebrae de artesanato**: termo de referência. Serviço de  
Apoio às Micro e Pequenas Empresas. São Paulo, 2004.

SEBRAE. **Programa Sebrae de artesanato**: Precificação do artesanato.  
Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. São Paulo, 2014.

SILVA, C. Augusto, Área de Interface ceramista Pretérita: a Coleção  
Arqueológica José Alberto Neves, Manaus, - AM, 2016.

SINGER, Paul. **A formação da classe operária**. 5. ed. São Paulo: Atual, 1994.

SWEEZY, Paul; DOBB, Maurice; TAKAHASHI, Kohachiro; HILTON, Rodney;  
HILL, Christopher; LEFEBVRE, Georges; PROCACCI, Giuliano; HOBBSAWM,  
Eric; MERRINGTON, John. **A transição do feudalismo para o capitalismo**. 5.  
ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

## **ANEXOS**

## Anexo 1 - Roteiro para as entrevistas com as artesãs

Data da aplicação do questionário \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

### I – Dados do Entrevistado

Nome:

Idade:

Local de nascimento:

Veio para a comunidade quando?

Nível de Escolaridade: ( ) Analfabeto ( ) Alfabetizado ( ) Ensino Fundamental ( )  
Ensino médio ( ) Superior

Quantas pessoas fazem parte de sua família?

Quantas trabalham com artesanato?

### II – Entrevista

1. Há quanto tempo você trabalha com o artesanato?
2. Que tipo de artesanato produz?
3. Qual matéria-prima utiliza?
4. Qual o processo de coleta da matéria prima?
5. Qual o período de coleta?
6. Qual a distância da comunidade até o local de coleta?
7. Como iniciou essa atividade?
8. A comunidade possui uma associação? ( ) sim ( ) não
9. As ações desenvolvidas pela associação trouxeram algum benefício para sua atividade? ( ) Sim ( ) Não
10. Quais os principais benefícios?
11. Você participa da feira AGROUFAM? ( ) Sim ( ) Não
12. A sua vida profissional mudou com a realização dessas Feiras? ( ) Sim ( ) Não O que mudou?

13. Além da participação na AGROUFAM como é feita a comercialização dos seus produtos?
14. Você acha que o Artesanato atende as necessidades da produção e comercialização? ( ) Sim ( ) Não De que forma?
15. A renda obtida através do artesanato, você melhorou as suas condições de vida? ( ) Sim ( ) Não Como?:
16. Você tem uma renda fixa? De quanto?
17. É composta por quais atividades?
18. Houve aquisição de algum bem comprado com dinheiro do artesanato? ( ) Sim ( ) Não
19. Se sim, qual ou quais?
20. Gostaria de acrescentar algo mais?

## Anexo 2 - Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS DO AMBIENTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE E  
SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da Pesquisa Sustentabilidade da Produção de Artesanato em Unidades de Conservação no Amazonas, sob a responsabilidade da pesquisadora Selma Cavalcante Furtado, a qual pretende Analisar as estratégias de sustentabilidade socioeconômica na produção de artesanato nas Unidades de Conservação no Amazonas.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão desta prática em sua essência de significação e para que assim seja possível pensar em soluções que permitam que o uso das águas para a prática do banho possa ser mantida para as futuras gerações.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço com a pesquisadora no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682 - 0003, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

### Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

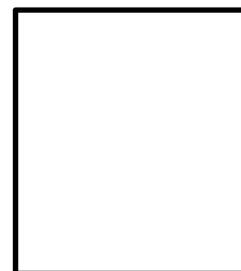
\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura do participante

Impressão do dedo polegar Caso não saiba assinar

\_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador Responsável





## COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** ESTRATÉGIAS DE SUSTENTABILIDADE: A PRODUÇÃO DE ARTESANATO DA FEIRA DO AGRICULTOR FAMILIAR (AGROUFAM), AMAZONAS, BRASIL

**Pesquisador:** Selma Cavalcante Furtado

**Versão:** 1

**CAAE:** 66462116.0.0000.5020

**Instituição Proponente:** Centro de Ciências do Ambiente

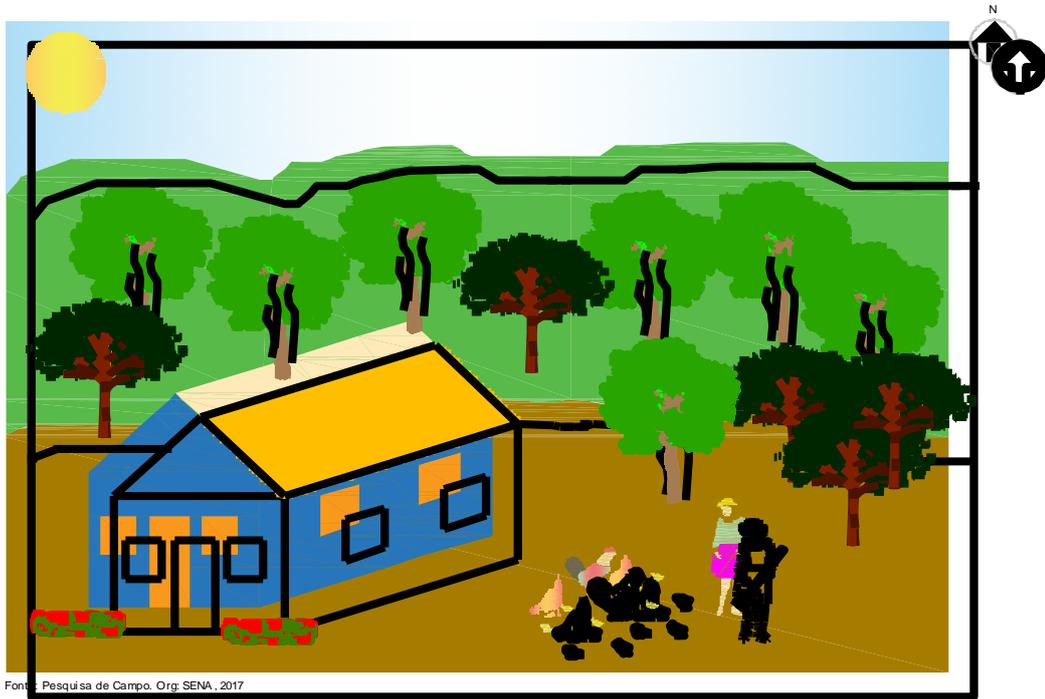
### DADOS DO COMPROVANTE

**Número do Comprovante:** 028882/2017

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

Informamos que o projeto ESTRATÉGIAS DE SUSTENTABILIDADE: A PRODUÇÃO DE ARTESANATO DA FEIRA DO AGRICULTOR FAMILIAR (AGROUFAM), AMAZONAS, BRASIL que tem como pesquisador responsável Selma Cavalcante Furtado, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Federal do Amazonas - UFAM em 30/03/2017 às 12:19.

Mapa mental 1



Mapa mental 2

